

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**

**O CAMINHO DE JESUS: A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ**  
**COMO ITINERÁRIO DO DISCÍPULO-MISSIONÁRIO**

**ORIENTANDO: FABIANO TEIXEIRA DA MOTA**  
**ORIENTADOR: PROF. MS. MAURO FRANCISCO DOS SANTOS**

**GOIÂNIA**  
**2020**

**FABIANO TEIXEIRA DA MOTA**

**O CAMINHO DE JESUS: A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ  
COMO ITINERÁRIO DO DISCÍPULO-MISSIONÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, para  
a obtenção de título de bacharel em Teologia.

Orientando: Fabiano Teixeira da Mota.

Orientador: Prof. Ms. Pe. Mauro Francisco dos  
Santos.

**GOIÂNIA**

**2020**

**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE BACHERELADO EM TEOLOGIA**

**RELATÓRIO DE APRESENTAÇÃO DE MONOGRAFIA  
(TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO)**

Nome do aluno

**Fabiano Teixeira da Mota**

Número da matrícula

**2016.1.0044.0102-3**

Título do Trabalho

**O CAMINHO DE JESUS: A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ COMO ITINERÁRIO DO  
DISCÍPULO-MISSIONÁRIO**

Banca Examinadora

- 1- Professor(a) orientador(a) (presidente da banca) **Me. Pe. Mauro Francisco dos Santos**
- 2- Professor(a) leitor(a) **Prof. Esp. Pe. David Pereira de Jesus**
- 3 – Professor(a) leitor(a) **Prof. Me. Mons. Luiz Gonzaga Lobo**

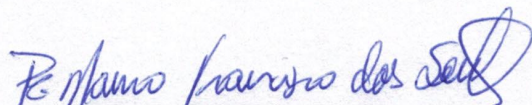
Resultado

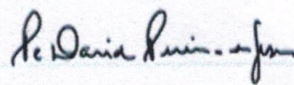
A banca examinadora reuniu-se, em modalidade remota síncrona, através da Plataforma Teams em separado, após a apresentação do trabalho e decidiu,


- pela aprovação  
 pela aprovação com restrições  
 pela reprovação

**Nota:**

Goiânia, 03 de dezembro de 2020.

  
Presidente da banca examinadora

  
Professor(a) examinador(a)

  
Mons. Luiz Gonzaga Lobo  
Diretor  
Professor(a) examinador(a)

*Dedico este trabalho a  
minha família:  
Jovelino, Maria da  
Paz, Jovelino Jr, Ana  
Flávia e Heloísa.*

*Bem como a  
Diocese de Goiás, nos  
seus numerosos e  
incansáveis  
catequistas.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus pela dádiva da vida e seu incondicional amor manifestado a humanidade, a que me concedeu a graça de poder cursar essa graduação.

Ao professor orientador Prof. Ms. Pe. Mauro Francisco dos Santos, pela sua orientação, colaboração e oportunidades de aprendizado. Ao corpo docente do curso de teologia da PUC-Goiás, através de nosso diretor Prof. Ms. Mons. Luís Gonzaga Lobo, e do coordenador Pe. David Pereira de Jesus.

Ao Bispo Dom Jeová Elias Ferreira, bispo de Goiás, pela confiança e oportunidade; bem como a Dom Eugênio Rixen, bispo emérito de Goiás, por transmitir a mim a paixão pela evangelização através da catequese. Ao Pe. Daniel Bertuzzi e Pe Antônio Leopoldo Amaral pela acolhida e fraternidade.

Aos colegas do curso de Teologia, pela amizade, partilha e companheirismo, de modo particular dentre estes: Seminarista Ademar Lopes Fernandes, ao Pe. Fausto Gonçalves de Carvalho e Tereza Cristina Barreto pela proximidade e parceria.

Por fim, gratidão a todos meus familiares e amigos, que ao meu lado me incentivaram, rezaram e torceram pelo sucesso desta jornada.

## RESUMO

O presente trabalho teve, como objetivo, refletir sobre a importância de realizar itinerários de Iniciação à Vida Cristã para toda Igreja, mostrando que uma precisamos de nos esforçar por uma catequese iniciática, capaz de levar ao encontro com Jesus Cristo e a configuração a Ele por meio Sacramentos. É necessário que a fé seja experimentada, pela escuta atenta da Palavra e pela celebração litúrgica na comunidade, a fim de conduzir a consciência da identificação como membro do corpo de Cristo. Para realização buscou-se, inicialmente, fazer um apanhado na História da Iniciação Cristã na Igreja nascente, compreendendo a preocupação e zelo, que muito cedo, foi despertado na Igreja. Nesta perspectiva, analisamos a intenção catequética de Lucas, na redação de seu evangelho, como caminho para discipulado-missionário do cristão. A partir dessa iluminação bíblica, compreendemos também a nascimento da Igreja, como membros do caminho, que peregrina com o olhar no Ressuscitado e se coloca, na liberdade, no horizonte da alegria do Reino de Deus. Por fim, elencamos o caminho da Igreja, como casa para viver em comunidade, celebrar a Palavra e o Pão (na liturgia), receber o dom da fé, e experimentar antecipadamente a salvação.

**Palavras-chave:** Iniciação à Vida Cristã, Catequese; Liturgia; Lucas.

## RIASSUNTO

Lo scopo di questa ricerca è stato quello di riflettere sull'importanza di intraprendere itinerari di Iniziazione alla Vita Cristiana per tutta la Chiesa, mostrando che solo una catechesi iniziatica è capace di condurre all'incontro con Gesù Cristo e ad una configurazione a Lui attraverso i Sacramenti. È necessario che la fede sia vissuta, nell'ascolto attento della Parola e nella celebrazione liturgica della comunità, al fine di guidare alla consapevolezza dell'identificazione come membra del corpo di Cristo. Per la realizzazione, si è cercato, inizialmente, di fare una panoràmica della storia dell'iniziazione Cristiana nella Chiesa nascente, comprendendo la sollecitudine e lo zelo, che molto presto, si sono risvegliati nella Chiesa. Allo stesso modo, analizziamo l'intento catechetico di Luca, nella stesura del suo vangelo, con un percorso di discepolato missionario Cristiano. Da questa illuminazione biblica, impariamo anche la nascita della Chiesa, come membri del cammino, che vagano con lo sguardo al Risorto e si pongono, in libertà, all'orizzonte della gioia del Regno di Dio. Infine, elenchiamo il cammino della Chiesa come casa per vivere in comunità, celebrare la Parola e il Pane (nella liturgia), ricevere il dono della fede e sperimentare in anticipo la salvezza.

**Parole chiave:** Iniziazione alla Vita Cristiana ; catechesi; Liturgia; Luca.

## **SIGLÁRIO/ ABREVIATURAS**

At	Atos dos Apóstolos
CELAM	Conselho Episcopal Latino Americano e do Caribe
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
Cor	Coríntios
DV	<i>Dei Verbum</i>
Ef	Efésios
EG	<i>Evangelli Gaudium</i>
Ex	Êxodo
Gn	Genêses
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
Jo	João
Lc	Lucas
LG	<i>Lumen Gentium</i>
Mc	Marcos
Mt	Mateus
Pd	Pedro
RICA	Ritual de Iniciação Cristã de Adultos
SCa	<i>Sacramentum Caritatis</i> , exortação
Tm	Timóteo



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>1 O CATECUMENTO NA HISTÓRIA DA IGREJA</b> .....	<b>11</b>
<b>1.1 O fazer-se cristão na Igreja primitiva</b> .....	<b>12</b>
<i>1.1.1 Testemunhas da Era Apostólica</i> .....	<i>13</i>
<i>1.1.2 Testemunhas da Era Patrística</i> .....	<i>17</i>
<b>1.2 NASCIDOS PARA A VIDA EM CRISTO</b> .....	<b>20</b>
<b>2 O CAMINHO TIPOLÓGICO DO EVANGELHO DE LUCAS</b> .....	<b>22</b>
<b>2.1. A mensagem de Deus na Palavra</b> .....	<b>22</b>
<b>2.2 O Evangelho de Lucas: contexto, autor e teologia</b> .....	<b>23</b>
<i>2.2.2 A teologia do Evangelho de Lucas</i> .....	<i>24</i>
<b>2.2 O Caminho como lugar da experiência com Jesus em Lucas</b> .....	<b>28</b>
<b>2.3 O Caminho de Emaús: encontro, Palavra, Pão e missão</b> .....	<b>31</b>
<b>3 SER DISCÍPULO MISSIONÁRIO HOJE</b> .....	<b>35</b>
<b>3.1 O processo catequético como conversão pessoal</b> .....	<b>35</b>
<b>3.2 Os seguidores do caminho e a missão</b> .....	<b>37</b>
<i>3.2.1 Igreja: casa da Iniciação à Vida Cristã</i> .....	<i>40</i>
<b>3.3 A liturgia na Iniciação à Vida Cristã</b> .....	<b>43</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a Iniciação à Vida Cristã, tem ocupado um lugar central nas reflexões da Igreja e são inúmeros os documentos, estudos e debates profícuos sobre os rumos que devemos tomar neste âmbito eclesial. Para refletir, sobre aspecto tão caro, propusemos este trabalho, considerando a fonte de inspiração a catequese apresentada pela Tradição, a Sagrada Escritura e pelo Magistério da Igreja.

Neste período, em que experimentamos profundas transformações, propomos refletir sobre a Iniciação à Vida Cristã, na perspectiva de um aprofundamento na história da Igreja Antiga e na leitura bíblico-teológica da obra lucana, como convite ao seguimento do caminho de Jesus, e a consequente inserção na vida comunitária.

Quando o assunto é evangelização nosso olhar se volta à centralidade da Palavra de Deus, como se expressa em inúmeros documentos da Igreja, que exortam a utilização da Sagrada Escritura como fonte primordial dessa atividade que compõe a identidade da Igreja. É nessa dimensão que buscamos iluminação bíblica no Evangelho de Lucas, uma reflexão que aponte como um itinerário sólido para apresentação de Jesus, na ótica da leitura teológica do caminho.

Nessa perspectiva, uma catequese adequada, consiste em apresentar o caminho de Jesus, para que com Ele faça a experiência, aprenda de seus ensinamentos e se torne discípulo e missionário. Assim a Igreja nasce da pregação da Boa-Notícia e cresce pelo testemunho dos seguidores do Caminho, e nos ajuda a redescobrir o elo vida entre a vida comunitária e seguimento de Jesus.

Este trabalho procura oferecer um contributo à catequese na perspectiva de uma Iniciação à Vida Cristã, refletindo a respeito de um elemento basilar da atividade de fé, que é o encontro com Deus e a ressignificação da vida pela perseverança no seu caminho, na escuta a Jesus e na pertença a comunidade, onde se realiza o testemunho de seu comprometimento.

O procedimento utilizado, para concretização deste trabalho é o método histórico, através de uma pesquisa exploratória e bibliográfica, integrado ao método teológico (*auditus fidei, intellectus fidei e applicatio fidei*). Dessa maneira, realizamos o levantamento das fontes da Tradição com textos da era apostólica e patrística, os dados da revelação na Sagrada Escritura e as orientações eclesiais, com a autoridade magisterial.

O estudo segue a buscando as raízes na Sagrada Escritura e no modo que fora interpretado pela Tradição da Igreja, através da leitura tipológica. Buscaremos com isto, de

modo reflexivo, apresentar fundamentação bíblico-teológica para proposição de itinerários catequéticos, auxiliando e motivando a Igreja na realização de sua missão evangelizadora.

Neste sentido no primeiro capítulo, pretendemos encontrar o percurso da historiografia antiga, que é resultado principalmente correspondências dos primeiros cristãos, para fortalecer e orientar as comunidades no seguimento de Jesus e combater os erros que colocavam em perigo a fé. Encontramos preciosidades, não em volumosas obras, mas na simplicidade de instruções para vida da fé, os sacramentos e a proposição de uma ética cristã. Assim, analisamos tanto documentos do período apostólico, como patrísticos que se relacionam a iniciação.

No segundo capítulo, a partir da Palavra de Deus, focalizaremos na experiência de dos discípulo de Emaús (Lc 24,13-35<sup>1</sup>), compreendendo os evangelhos como catequese, buscando a teologia presente no terceiro evangelho, seu autor, convidando a leitura na perspectiva iniciática do caminho de Jesus, como itinerário de formação do discípulo-missionário.

No último capítulo, vamos fazer uma abordagem da dimensão eclesial-missionária da Iniciação à Vida Cristã, ressaltando a dimensão da adesão pessoal à uma fé comunitária, centrado na experiência do Ressuscitado na Igreja e a missão. A celebração do Mistério de Cristo, também é essencial, por isso ressaltamos o quanto a dinâmica simbólico-ritual deve colaborar para integração e identidade dos filhos de Deus.

---

<sup>1</sup> **BÍBLIA DE JERUSALÉM.** Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2008. Desta fonte poderão ser verificadas todas as ocorrências bíblicas.

## 1 O CATECUMENTO NA HISTÓRIA DA IGREJA

O processo de desenvolvimento histórico da catequese deve considerar a Antiguidade Cristã, com isso, podemos localizar o nascimento da catequese, dentro do catecumenato. Sua gênese possui um objetivo claro como autêntico serviço da evangelização e inserção na vida comunitária de fé. É fundamental vislumbrar que seu aspecto de ensino e educação - catequético - está permeada de um ambiente apropriado de vivência, mergulhado na força da espiritualidade, e da mistagogia eminentemente comunitária vinculada com a dimensão celebrativa, com sinais, ritos e símbolos.

A recuperação do catecumenato como modelo e inspiração para a ação evangelizadora em nossos dias, emerge indubitavelmente da necessidade de formar autênticos cristãos e por saber que é:

*o catecumenato institucionalizado, uma das instituições mais eficazes e frutuosas da história da Igreja: tempo extremamente sério de formação, para afirmar bem a fé, para testar a vida em meio ao mundo pagão, e no seio de uma comunidade que comunicava sua fé e transmitia seu credo<sup>2</sup>.*

Desse modo, o Concílio Vaticano II ciente das transformações do mundo, discerniu a necessidade de retomar como modelo a prática iniciática da Igreja em seus primórdios. Paralelo a isso, como uma orientação para as celebrações sacramentais dos adultos, ordenando que fosse recuperado o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA), desencadeou na reflexão catequética a eficácia destes processos graduais de evangelização para uma verdadeira Iniciação à Vida Cristã, por isso atualmente propondo como protótipo metodológico a toda Igreja.

A catequese com inspiração “catecumenal” tem em seu horizonte a dimensão da adesão pessoal à fé, da dupla vinculação do crente a Jesus e a comunidade de fé. O catecúmeno experimentava gradativamente sua pertença a Cristo e a comunidade, e não era somente um o ensino de conteúdos, mas um instruir que transformava pela vida de fé assumida. A presença da Palavra de Deus possui nesse período uma importância crucial, no ensino e na liturgia comunitária, que gradualmente o catecúmeno começava a integrar. O que se seguiu com a expansão da fé cristã foi uma desvinculação deste aprofundamento doutrinal, na experiência processual, uma vez que emerge a cristandade intensa, sua necessidade desaparece, pois a espiritualidade estava presente na sociedade. Essa transformação ocasionou uma perda pois, o que antes era acompanhado intensamente por toda comunidade, mas de modo personalizado,

---

<sup>2</sup> LIMA, Luis Alves de. **A Catequese do Vaticano II aos nossos dias**. São Paulo: Paulus, 2016, p. 27.

que exigia um comprometimento do cristão, assumiu uma metodologia que dissolveu as exigências pessoais numa coletividade disforme<sup>3</sup>.

### 1.1 O fazer-se cristão na Igreja primitiva

Ao buscarmos as origens do catecumenato primitivo, é necessário realizar um olhar na historiografia da Igreja, partindo do surgimento do cristianismo, como formação das primeiras comunidades em torno dos discípulos no período pós-pascal, até o século III, quando começaram a sistematização vivencial de um processo de recepção dos neófitos na Igreja, o que tomou nome de catecumenato, e teve seu estabelecimento por volta do século V. Assim, propomos uma análise conceitual mais ampla que versa sobre a transmissão da fé, para os novos cristãos, nos primeiros séculos do cristianismo, para uma compreensão do catecumenato, em sua origem e seu caráter iniciático.

As palavras dos Evangelhos com as quais Jesus realiza o envio missionário (Mt 28,19; Mc 16,15), com o imperativo de batizar e fazer discípulos, compõe a índole da Igreja. Desse modo, podemos observar, que muito cedo se compreendeu a necessidade da realização do batismo com sua dupla incorporação: à Cristo e a Igreja.

Nesse caminho de assimilação a Cristo, temos uma implicação profunda do surgimento da Igreja e concomitantemente da catequese. É da índole eclesial se ocupar com autênticos processos de evangelização, que leve ao seguimento a Jesus, da conversão de vida a Ele, da integralidade da pessoa e não meramente a pertença a um grupo social.

A transmissão da fé nos primeiros anos de cristianismo, pode ser caracterizada por um modo assistemático e estritamente ligado aos apóstolos e àqueles que testemunharam de modo ocular os acontecimentos salvíficos. A comunidade dos seguidores de Jesus, se formavam com o convívio e o anúncio da experiência de fé das pessoas que presenciaram os gestos e palavras do Senhor, a proclamação do Reino de Deus, os sinais e ensinamentos que correspondem a vontade divina.

O tornar-se membro da comunidade cristã, não obstante, estava diretamente ligado a escuta da Palavra do Senhor, por meio daqueles que foram chamados por Jesus, formados na escola do discipulado, vivenciaram sua Paixão, Morte e Ressureição, e foram enviados em missão.

---

<sup>3</sup> Cf. LIMA, 2016, p. 19-39.

Nesse interim, encontramos no manual de catequese do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano e do Caribe) a seguinte constatação:

Os responsáveis pela pregação cristã são os Doze apóstolos e outros, como Paulo, Barnabé, Júnias e Andrônico, especialmente os mestres e doutores, cujo ministério é estimado imediatamente após o dos apóstolos e profetas (1Cor 12,18; Ef 4,11); além desses, discípulos abnegados como Priscila e Áquila e outros.<sup>4</sup>

A responsabilidade da formação, ao mesmo tempo que é comunitária, tem uma acentuação naqueles que por liderança, delegação ou função, o realizam em nome dos demais membros. Os apóstolos são os que aparecem na lista por primeiro, tem a primazia sobre os demais, mas sua missão é compartilhada com outros servidores, surgem o ministério dos mestres e doutores<sup>5</sup>.

Sendo assim, ocuparemos nessas primeiras linhas em compreender como se realizou na história da Igreja primitiva, metodologicamente este processo, e para tal, utilizaremos os escritos antigos, que denominaremos aqui como testemunhas, observado a periodização clássica de era apostólica e era patrística.

### 1.1.1 Testemunhas da Era Apostólica

Numerosas são as recorrências de referências ao batismo nos primeiros escritos cristãos. Assim também são apresentadas nos Atos dos Apóstolos (2,28; Mt 29,19; Mc 16,1; Lc 24,47), que frequentemente falam do batismo de forma circunstancial associado a uma experiência de fé prática, que ocorre no interior da pregação da comunidade cristã. Não se ocuparam de modo sistemático com o rito, o procedimento adotado, seu desenvolvimento e critérios de recepção.

No final do século I, encontramos um primeiro relato do modo como a Igreja nascente instruíra aqueles que abraçavam a fé em Cristo. De modo ordenado, a *Didaqué* cujo nome mais completo era “*Doutrina do Senhor através dos doze Apóstolos*”, em seu conteúdo podemos encontrar instruções sobre o batismo. Para trilhar esse novo “caminho de vida”, o capítulo sétimo diz:

... batizai em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, em água corrente. Se não tens água corrente, batiza em outra água; se não puderes em água fria, faze-o em água

<sup>4</sup> CELAM. **Manual de Catequética**. Tradução Maria Paula Rodrigues São Paulo: Paulus. 200, p.60.

<sup>5</sup> Cf. I Cor 12,28; Ef 4,1; At 13,1; *Didaqué* 15,1.

quente. Na falta de uma e outra, derrama três vezes água sobre a cabeça em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo<sup>6</sup>.

O escrito é resultado da vivência das primeiras comunidades cristãs, nos séculos I e II. A intenção escriturística é permeada do desejo de conservar a esperança da fé integralmente, para o ensino sem erros, do exemplo recebido evento salvífico pelas testemunhas oculares. Para tanto, compõe testemunhos literários do depósito da fé, dos apóstolos da primeira geração ou da geração pós-apostólica.

Podem ser enumerados juntos à *Didaqué*, outros textos posteriores de grande importância que apresentam a dimensão catequética e ritual para integrar na comunidade cristã: As Cartas de Santo Inácio de Antioquia<sup>7</sup>; Carta de São Clemente Romano<sup>8</sup>; Tradição Apostólica de Hipólito de Roma<sup>9</sup>; Catequese de São Cirilo de Jerusalém<sup>10</sup> (que possui forte acento mistagógico); Peregrinação de Etéria, etc<sup>11</sup>.

Na *Didaqué* como escrito doutrinal cristão podemos identificar o processo de acolhida dos que decidiam abraçar a fé. Já na Igreja primitiva se preocuparam em fazer um itinerário que orientava amplamente sobre o batismo e seu vínculo ético, ou seja, a recepção do rito de entrada na comunidade de fé e a transformação da vida à luz do Evangelho recebido. A obra não é extensa, e pode ser dividida, segundo Zilles, na nota introdutória à tradução brasileira em 16 capítulos:

Parte I – Cap. 1-6. É um tratado moral para catecúmenos. O conteúdo ético desta primeira parte é de origem judaica, orientando-se no esquema dos caminhos; Cap. 1-4 trata do caminho da vida; Cap. 5 trata do caminho da morte; Cap. 6 faz uma síntese. A base do caminho da vida é o mandamento do amor a Deus e ao próximo, com muitas outras sérias advertências; Parte II – Cap. 10-15: É um antigo ritual litúrgico, contendo instruções sobre a administração do batismo (cap. 7), o jejum e a oração (cap. 8) e a celebração eucarística (cap. 9-10); Parte III – Cap. 10-15. São instruções relativas à vida comunitária. Tratam da hospitalidade para com os apóstolos, ou seja, os pregadores itinerantes (*girovagos*), dos profetas e dos peregrinos em geral, recomendando bondade e prudência; da santificação do

<sup>6</sup> **DIDAQUÉ.** Catecismo dos primeiros cristãos. Tradução Urbano ZILLES. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 27.

<sup>7</sup> **INÁCIO DE ANTIOQUIA. Cartas de Santo Inácio de Antioquia.** Tradução Paulo Evaristo Arns. Petrópolis: Vozes, 1970.

<sup>8</sup> **CLEMENTE ROMANO. Carta de São Clemente Romano.** Tradução Paulo Evaristo Arns. Petrópolis: Vozes, 1984.

<sup>9</sup> **HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica de Hipólito.** Tradução Paulo Maucy Gibin, 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

<sup>10</sup> **CIRILO DE JERUSALÉM. Catequeses mistagógicas de São Cirilo de Jerusalém.** Tradução Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 1977.

<sup>11</sup> **ETÉRIA. Peregrinação de Etéria: Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV.** Tradução Frei Alberto Beckhauser, 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

domingo e das qualidades requeridas do bispo e do diácono e sua eleição. Cap. 16. Manda aguardar a vinda do Senhor<sup>12</sup>.

A proposta é perpassada de três momentos, iniciando pelo anúncio da fé, através da transmissão dos fundamentos; segundo, levando a efetiva celebração do Mistério de Cristo pela liturgia e; por último, a vida comunitária. De fato ainda não podemos falar em comunidades cristãs estruturadas como concebemos hoje, contudo, é perceptível quão precioso é o dom recebido de Deus, que se faz necessário conservar por escrito o modo de realizar a acolhida de outros na mesma fé. Elaborar um manual de catequese denota a preocupação em um feito sem erros, bem como traduzir na realização dos sinais a unidade para qual os cristãos são chamados.

Um fator de capital importância, e para o qual convergem diversos historiadores da Igreja é de que o catecumenato, tem suas bases neste primeiro catecismo da era cristã. A análise dos escritos que o sucederam leva a afirmar que foi fonte a vários Padres da Igreja, assim este primeiro manual de catequese assumiu como que figura modelar para o desenvolvimento do processo de transmissão da fé e iniciação.

Por outro lado, ressalta-se o documento que podemos tomar da Tradição da Igreja, que refere à vida eclesial primitiva são as *Cartas de Inácio de Antioquia*, que podem ser chamadas de “cartas do caminho”, uma vez que sua redação tem como local a viagem que o bispo estava fazendo a Roma, nas vésperas de seu martírio. A coletânea que chegou até nós conta com sete cartas, sendo elas endereçadas a: Éfeso, Magnésia, Trales, Roma, Esmirna, ao bispo Policarpo e a Filadélfia; as quatro primeiras foram encaminhados a partir de Esmirna e as últimas de Trôade.

O testemunho deixado por *Inácio de Antioquia*, no início do século II, nos apresenta de modo catequético várias exortações para as comunidades, com as quais ele mantinha uma relação de proximidade e afeto. No conteúdo podemos encontrar explicitamente a preocupação do bispo em manter a comunidade sempre unida, bem como ressalta a importância da escuta atenta às orientações ao pastor local, o empenho contra as heresias e a valorização de buscar frequentemente a Eucaristia.

Nestes escritos podemos ver a primeira ocorrência da designação de “Igreja católica”<sup>13</sup> ao tratar de todos os seguidores de Jesus. O uso da noção do lugar do sacrifício

<sup>12</sup> DIDAQUÉ. 2012, p. 12-13.

<sup>13</sup> INÁCIO DE ANTIOQUIA. 1970, p .81.



é outro destaque importante que o bispo faz, aludindo a Eucaristia na sua raiz profunda na carne de Cristo que padeceu pelos pecadores.

A súplica presente nas cartas, que está centrada na unidade de Cristo com Deus, dos irmãos em Cristo e unidade com o bispo, também ressalta o valor da oração na vida cristã e sobretudo na reunião da comunidade. O encontro em que recebia a Eucaristia é na sua concepção, a ocasião mais sublime que o cristão poderia encontrar.

Esforçai-vos para vos reunir mais frequentemente, para agradecer e louvar a Deus. Quando vos reunis com frequência, as forças de satanás são abatidas e sua obra de ruína é dissolvida pela concórdia de vossa fé. Não há nada mais precioso do que a paz, que põe abaixo toda a guerra das potências aéreas e terrestres.<sup>14</sup>

O fortalecimento na vida espiritual para o combate ao Maligno e dos erros da fé tem, em seu pensamento, no sacrifício eucarístico sua fonte. Desse modo é inadmissível aos cristãos se ausentarem da ceia do Senhor, do pão de Deus. O caráter da unidade da Igreja, para qual ele conclama, tem seu fundamento na pertença a Cristo, em sua integridade, a ponto de não separar da vida nela, como nos recorda o Papa Bento XVI, numa de suas audiências. Afirma ele:

Nenhum padre da Igreja expressou com a intensidade de Inácio o anseio pela *união* com Cristo e pela *vida n'Ele*. Por isso lemos o trecho do Evangelho sobre a vinha, que segundo o evangelho de João é Jesus. Na realidade, afluem em Inácio duas "correntes" espirituais: a de Paulo, que tende totalmente para a união com Cristo, e a de João, concentrada na *vida n'Ele*. Por sua vez, estas duas correntes desembocam na imitação de Cristo, várias vezes proclamado por Inácio como "o meu" e "o nosso Deus".<sup>15</sup>

O modo que Santo Inácio tratou esta íntima ligação com Cristo, se aproxima da teologia desenvolvida no modelo cristológico joanino com a figura da videira identificada com Cristo e a implicação de permanecer ligados como ramos a Ele, assim, com Jesus e o Pai (cf. Jo 15). Somente por esta via é que se pode ter a vida e produzir frutos. Por outro lado, a uma identificação com a teologia paulina que se refere à imitação de Cristo. Podemos verificar tal ideia em outra catequese de Bento XVI que diz:

Assim Inácio suplica os cristãos de Roma para que não impeçam o seu martírio, porque está impaciente por "unir-se a Jesus Cristo". E explica: "É bom para mim morrer indo para (eis) Jesus Cristo, em vez de reinar até aos confins da terra. Procuro a Ele, que morreu por mim, quero a Ele, que ressuscitou por nós... Deixai

<sup>14</sup> INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1970, p. 45.

<sup>15</sup> BENTO XVI. **Os Padres da Igreja**: de Clemente Romano a Santo Agostinho. São Paulo: Paulus, 2012, p. 15.

que eu seja imitador da Paixão do meu Deus!" (Aos Romanos 5-6). Pode-se captar nestas expressões fervorosas de amor o elevado "realismo" cristológico típico da Igreja de Antioquia, como nunca atento à encarnação do Filho de Deus e à sua humanidade verdadeira e concreta: Jesus Cristo, escreve Inácio aos Esmirnenses, "pertence realmente à estirpe de David", realmente nasceu de uma virgem", "realmente foi crucificado por nós" (1, 1).<sup>16</sup>

A configuração proposta pelo bispo de Antioquia, tem limites que transcendem a vida terrena, acentuando o valor de uma entrega total à vontade de Deus até a doação pelo martírio. A convicção presente na Igreja de Antioquia o acompanha, a ponto de pela fé, desejar o testemunho do derramar seu sangue, imitando ao Senhor pela fidelidade e amor.

Jesus fora crucificado, portanto, derramou seu sangue em gesto de profunda obediência à vontade do Pai, não se separou Dele. Sua morte tem valor de sacrifício salvífico e a força do mistério da Paixão, Morte e Ressurreição é a fonte da vida para os que n'Ele confiam.

A pertença à estirpe de David e o nascimento de uma virgem são sinais do cumprimento da promessa de Deus a Israel, de um reinado sem fim. O Pai está unido ao Filho e se revela através dos gestos e palavras de Jesus. Dessa maneira ao ser crucificado, estabelece o ícone da eterna aliança, é o que atesta Santo Inácio sublinhando a veracidade deste acontecimento que é vinculante para o cristão e reafirma seu desejo de não fugir do martírio imitando ao Senhor.

A partir destas obras podemos asseverar que já no período apostólico, a Igreja de Cristo, através de seus pastores produziu escritos que por ora buscava orientar a comunidades cristãs, mas que se tornaram um tesouro como fonte para compreender quão é importante uma autêntica imersão na vida cristã. Que a adesão a Cristo e a Igreja são inseparáveis de uma configuração existencial ao Evangelho, que os sacramentos são ritos integrados ao processo de caráter iniciático antropológico, que por sua vez expressa o confiar a riqueza da fé aos que comprovadamente as desejam.

### 1.1.2 Testemunhas da Era Patrística

O tema da iniciação em si, não foi explicitado nos dois primeiros séculos da história cristã. O que temos nesse período são presságios de como as Igrejas primitivas vivenciavam a transmissão da fé no seu seio. Somente no século III, podemos visualizar o delineamento de uma proposta mais evidente da iniciação cristã. Neste século temos a *Tradição*

---

<sup>16</sup> BENTO XVI. 2012, p.19.

*Apostólica de Hipólito*<sup>17</sup> como primeira testemunha a tratar desse tema, de modo orgânico. A sua autoria é atribuída a um sacerdote de Roma com grande erudição, pelos seus escritos se afirmam sua origem oriental, por demonstrar conhecimento de filosofia e redigir em grego.

Nesse período, ser cristão, diferente do que podemos afirmar na cristandade, não pode ser considerado como um simples ato formal-social, propiciado pelo sacramento do batismo. Torna-se cristão era fruto de uma decisão, marcada por um acompanhamento gradativo e iniciático, mesmo porque poderia ser motivo para perseguição e morte. Até o Edito de Milão, no ano de 313, os cristãos eram perseguidos pelo Império Romano. O esforço pela evangelização era meticuloso em apresentar com clareza as exigências éticas e pedir o testemunho na comunidade, sobre o que era eleito para os sacramentos.

Além das preocupações provenientes da perseguição às comunidades, não raramente eram desafiadas por heresias, assim o cuidado pastoral era expresso na fidelidade à interpretação dada pelos apóstolos e conservadas pelos bispos. E, mesmo não intencionalmente, era comum haver interpretações que não coadunavam à mensagem revelada pela Ressuscitado, fazendo necessária o combate destas distorções com uma boa formação.

O estudo da *Tradição Apostólica* é vigoroso e oportuno neste nosso tempo de transformações que tem sido denominado, pelo documento de Aparecida, de “mudança de época”<sup>18</sup>, onde somos convidados a recuperar na antiguidade a inspiração catecumenal. A eficácia do processo formativo e celebrativo da fé, como caminho da Igreja para a configuração a Jesus, na expressão da fé recebida e celebrada de modo simbólico-ritual no culto comunitário, é para nós paradigmático, diante de um mundo descristianizado, somos enviados a propor a fé e acompanhar aqueles que desejam fazer adesão a Cristo.

A abordagem de Hipólito não furta de demonstrar critérios morais claros e que devem ser observados como sinais de verdadeiros da conversão do paganismo. Segundo Pessoto, “Hipólito trata dos recém-convertidos, das artes e das profissões proibidas aos cristãos, dos catecúmenos, do batismo, da confirmação e da primeira comunhão”<sup>19</sup>. O

---

<sup>17</sup> A *Tradição Apostólica* (TA), escrita em 215, é uma obra descoberta e reconstituída no processo longo de pesquisa em recomposição não é à toa que, de todos os escritos de Hipólito, é o mais relevante, no contexto atual.[...] Sua reconstituição conferiu um novo *status* à compreensão da história da liturgia romana e da vida da Igreja, durante os três primeiros séculos. Cf. PESSOTO, Diogo. **A Iniciação Cristã na Tradição Apostólica de Hipólito de Roma**. Coletânea. v.19 jan./jun. 2020, p. 57.

<sup>18</sup> CELAM. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus/ Paulinas/ Edições CNBB, 2007, n. 44.

<sup>19</sup> PESSOTO, 2020, p 59.

processo de evangelização e recepção dos sacramentos exige, uma adesão provada nos escrutínios por uma resposta pessoal e de testemunhas que vivem na proximidade dele. O valor da comunidade para o seguimento a Jesus era bastante evidenciado nos variados momentos em que se reuniam para o cultivo da espiritualidade, conforme ainda sustenta Pessoto:

Quanto às observâncias na comunidade às vezes, são os costumes cristãos, como Eucaristia dominical, liturgia das horas, oração leitura espiritual, entre outros. Não é conjunto ordenado e orgânico, como as duas primeiras partes: porém, procura retomar as tradições antigas, de modo a orientar a comunidade para observância das exigências da fé.<sup>20</sup>

Sendo assim, temos a unanimidade dos escritos apresentados, todos reforçam a necessidade de o homem novo no Cristo, levar uma vida distante do paganismo e de frequente cultivo da espiritualidade. Apontando em primeiro lugar a Eucaristia, experiência privilegiada para fortalecimento da fé e em seguida outros modos de se colocar diante de Deus para louvar pela relação orante com Ele.

A organização da parte da observância da comunidade, feita de modo menos ordenado, deve-se a sua fundamentação em textos anteriores a própria *Tradição Apostólica*, ou seja, é uma tentativa de guardar a tradição do que se desenvolveu nos dois primeiros séculos. Por isso, o escrito é fruto da dinamicidade prática pastoral, proveniente de um amor a Cristo que leva ao desejo de conservar na integridade a mensagem que outrora recebera.

Uma outra fonte para a compreensão histórica da iniciação cristã na Igreja Antiga são as cartas de Santo Ambrósio, bispo de Milão. A obra de Ambrósio expõe que a Igreja em Milão, sob seu governo pastoral, se utilizando dos costumes romanos para a iniciação cristã, contudo sob sua orientação os ritos podiam se diferenciar, mas não substancialmente.

Ademais, ele mesmo reuniu em coleção, noventa e uma cartas, fruto de seu punho em correspondência as necessidades da Igreja em tempos considerados decisivos de renovação da vida cristã. As catequese que tratam especificamente sobre os sacramentos da Iniciação Cristã são seis, são dirigidas aos neófitos no período pós-pascal. Podemos verificar no primeiro livro intitulado *Os Sacramentos*, a localização exata do tempo desta catequese mistagógica<sup>21</sup>:

---

<sup>20</sup> PESSOTO, 2020, p 57.

<sup>21</sup> Mistagogia designa a explicação oral ou escrita do Mistério escondido na Sagrada Escritura e celebrado na divina liturgia. A partir da volta às fontes proposta pelo Concílio Vaticano II, traduzimos esse verbete como: introdução ao mistério de Cristo atualizado na liturgia da Igreja.

Nesta hora, daremos início à explicação dos sacramentos que acabais de receber. Não convinha antecipá-la, pois, para o cristão, a fé antecede todo o mais. Por isso mesmo, em Roma, são chamados “homens de fé” os que foram batizados. Também nosso Pai Abraão foi justificado pela fé, e não pelas obras. Concluiríamos assim: recebeste o batismo, tendes fé.<sup>22</sup>

Com efeito, evidencia-se os passos que pela fé em Cristo, ou seja, após uma evangelização inicial recebe o sacramento e não a explicação dele. Somente quem fez a adesão de fé em Deus pelo batismo é que testemunha a confiança depositada no Senhor, é instruído para a vida na graça que recebeu.

Nesse viés, o período de instrução tem objetivo claro: “Nossa finalidade era formar-vos e preparar-vos para que vos dispusésseis a entrar pela senda de nossos antepassados, seguindo-lhes o caminho e obedecendo aos desígnios de Deus”<sup>23</sup>. Desse modo, Ambrósio propõe o seguimento metodológico do catecumenato, como autêntico processo de conversão e união a Jesus, segundo a vontade divina.

## 1.2 Nascidos para a vida em Cristo

O olhar para os séculos iniciais do cristianismo, demonstra a dedicação com a qual a Igreja celebrava a incorporação de seus membros, com um processo gradativo de evangelização, recepção dos sacramentos de iniciação e da instrução com catequeses mistagógicas. Por isso, os ritos e símbolos são tão importantes e compõem um tesouro da fé, compreendendo cada um deles em sua eficácia salvífica, tantos os Sacramentos, quanto os escrutínios e exorcismos, que a passo a passo favorecem e marcam a passagem de cada tempo da Iniciação à Vida Cristã.

Durante a 3ª Semana Brasileira de Catequese, ao falar da Iniciação à Vida Cristã na história, Lima pontou:

É necessário esclarecer, em primeiro lugar, que por *Iniciação Cristã* se entende todo o processo pelo qual alguém incorporado ao mistério de Cristo Jesus. Teologicamente falando a verdadeira iniciação se dá na celebração do sacramento do Batismo, Crisma e Eucaristia, chamado juntamente a partir do século XIX, de *Sacramentos da Iniciação*.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> AMBRÓSIO DE MILÃO. **Os sacramentos e os mistérios**. Tradução Paulo Evaristo Arns Petrópolis: Vozes, 1981, p. 21.

<sup>23</sup> AMBROSIO DE MILÃO, 1981, p. 76.

<sup>24</sup> LIMA, Luis Alves de. **A INICIAÇÃO CRISTÃ ONTEM E HOJE**: História e documentação atual sobre a Iniciação Cristã. In: Comissão Episcopal Pastoral para Animação Bíblico- Catequética. **3ª Semana Brasileira de Catequese: Iniciação à Vida Cristã**. Brasília: Edições CNBB, 2010. p. 58.

Na atualidade, a compreensão que tem sido utilizada, e que adotamos neste trabalho é de Iniciação à Vida Cristã, que inclui os Sacramentos da Iniciação, ressaltando que não pode ser tomado isoladamente, mas que está ligado a uma transformação de vida. A vida cristã efetiva, com o conseqüente seguimento de Cristo, deve conduzir para uma consciência da graça sacramental e convidar sempre mais à perfeição pela ação do Espírito Santo, que não cessa de congregar a comunidade dos que receberam o selo espiritual.

O itinerário catecumenal possui uma finalidade específica, por meio da iluminação que ocorre via sacramentos, leva o convertido de um modo de ser a um outro, conformado a Cristo. Esta compreensão é bastante ressaltada na tradição teológica da Igreja. Podemos demonstrar que o desenvolvimento da teologia da graça sacramental na vida do crente, já era contemplada na proposta catecumenal primitiva e possui intrinsecamente uma relação entre a Palavra de Deus, a conversão de vida – *metanoia* e a adesão, recepção dos sacramentos da iniciação e a participação do corpo eclesial.

A proposta da Iniciação à Vida Cristã quer resgatar principalmente a dimensão iniciática que a mistagogia possibilitou nos primeiros séculos. Ao afirmarmos isso, cabe propormos conhecer o processo catecumenal com os ritos, símbolos e entregas, bem como a instrução pós-pascal oferecida aos neófitos. Dito isto, vale ressaltar o papel da mistagogia, que tende a propiciar a identificação de quem pela fé foi mergulhado no Cristo, com Ele. O iniciado ao receber a graça sacramental, ou seja, a iluminação da fé, é capaz de compreender, não de modo meramente intelectual, mas pela instrução, reconhecendo no experimentado esta etapa final do processo e ponta pé de para o cultivo da vida eterna.

## 2 O CAMINHO TIPOLOGICO DO EVANGELHO DE LUCAS

Tendo apresentado os elementos históricos da Iniciação à Vida Cristã, através dos Padres da Igreja, como um tesouro a ser resgatado para inspiração catecumenal e uma catequese iniciática, partimos para as Sagradas Escrituras. A Palavra de Deus é fonte e centro no processo educativo da fé. Escolhemos o Evangelho de Lucas para iluminar nossa reflexão, uma vez que, nos possibilita uma leitura do seguimento de Jesus como caminho a ser realizado.

### 2.1. A mensagem de Deus na Palavra

Diante da Palavra de Deus, somos convidados a uma atitude de escuta da voz divina, que se revela em Jesus. Nosso desafio é proporcionar às pessoas um encontro definitivo com a Palavra, que aqui não se distingue daquele que É, *Verbo de Deus* feito homem. Como nos apresenta São João, evangelista, no prólogo do quarto evangelho. As palavras do Papa João Paulo II, em uma homilia, em sua visita ao Brasil em 1980, reforçam a urgência de anunciar Jesus Cristo. Afirmando que:

Quem diz mensagem diz algo a mais que doutrina. Quantas doutrinas de fato jamais chegaram a ser mensagem. A mensagem não se limita a propor ideias: ela exige uma resposta, pois é interpelação entre pessoas, entre aquele que propõe e aquele que responde. A mensagem é vida. Cristo anunciou a Boa Nova, a salvação e a felicidade<sup>25</sup>.

A comunicação da mensagem, por excelência, é fonte que jorra a vida da Igreja. A *Boa Nova* da Salvação tem seu coração na aliança de Deus com seu povo, operada na plenitude dos tempos (Gl 4,4), com o envio de Jesus Cristo – o seu Evangelho. Jesus mesmo é o Evangelho de Deus, como muito cedo compreendeu São Paulo e ao escrever aos Tessalonicenses: “Sabemos, irmãos amados de Deus, que sois do número dos eleitos – porque nosso Evangelho vos foi pregado não somente com palavras, mas com grande eficácia no Espírito Santo e com toda convicção” (1Ts 1,4-5), onde o termo, de modo abrangente, alcança a economia da Salvação, toda força de salvação divina que alcançou a plenitude no mistério de Jesus.

No exercício de sua missão, a Igreja, deve conduzir seus filhos, a uma evangelização que seja direta, que alcance a totalidade da pessoa e a conduza ao Senhor de suas vidas, tornando

---

<sup>25</sup> JOÃO PAULO II, Papa. **Homilia para os catequistas em Porto Alegre**. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf\\_jp\\_ii\\_hom\\_19800705\\_portoalegre-brazil.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf_jp_ii_hom_19800705_portoalegre-brazil.html) , Acesso em: 10 ago. 2020.

essencial ao processo de iniciação, especialmente na dimensão bíblica. A catequese deve ser, sobretudo, um lugar da leitura constante (que antecede qualquer estudo) e orante. E entre os livros bíblicos, os Evangelhos, para fazer despertar a necessidade do seguimento de Jesus Cristo numa adesão pessoal a Ele.

Os padres conciliares muito bem expressaram a excelência da verdade do evangelhos e sua proeminência para a fé cristã ao afirmar: “A profunda verdade, seja sobre Deus, seja sobre a salvação do homem [...] resplandece a nós em Cristo.”<sup>26</sup> e por conseguinte “que, entre toda as Escrituras, também o Novo Testamento, os Evangelhos gozam de uma merecida superioridade, enquanto são o principal testemunho sobre a vida e a doutrina do Verbo Encarnado, nosso Salvador” (DV 18). Logo, aqui se explicita a analogia do escritos evangelhos serem o coração da Sagrada Escritura e de a ele devotarmos importância essencial na Iniciação à Vida Cristã. Além disso, os evangelistas nos ensinam que Jesus é um cumpridor da Palavra.

O conjunto dos evangelhos são fontes inesgotáveis da Revelação do Filho de Deus, que conduz aqueles que o encontram uma nova vida. Revela-nos a nossa salvação que acontece no hoje, em nossas vidas, pela força de sua Palavra. Os textos sinóticos seguem uma perspectiva narrativa sistemática e com intenções claras. Em Lucas, encontramos uma boa explicitação disto, considerando seus versículos iniciais em que ele dedica a obra e expõe o objetivo de escrever, bem como processo que realizou para compor seu escrito.

Um aspecto a ser considerado na formação cristã, é a ligação eclesial do seguimento de Jesus, seja pelo modo que historicamente se constitui os livros da Bíblia, levando em consideração o papel que a Igreja tem na sua conservação, propagação e da fidelidade ao Senhor, na interpretação, quanto pela perpetuação desta dimensão de corpo espiritual de Cristo, segundo sua ordem de fazer “discípulos todas as nações” (Mt 28,19) fazendo da Igreja instrumento de mediação de sua graça santificadora e salvadora.

## 2.2 O Evangelho de Lucas: contexto, autor e teologia

Antes de percorrer as páginas de produção lucana, buscamos apresentar um esboço geral, como que introdutório, dos temas possíveis, datação, o destinatário, o autor e uma breve abordagem sobre a intenção teológica da obra, que inicia no Evangelho e se estende no livro dos Atos dos Apóstolos, que muitos exegetas abordam como uma obra em duas partes.

---

<sup>26</sup> **CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *DEI VERBUM***. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Paulus: São Paulo, 1997, n.2



### 2.2.2 A teologia do Evangelho de Lucas

Na leitura do Evangelho de Lucas é possível apontar diversas abordagens, ele é o mais extenso texto entre os evangelhos, apontamos como temas: a alegria, a misericórdia, o Espírito Santo, o pobre, a oração, o caminho, a Cruz, a mulher, o pão, como elementos recorrentes, que denotam a integridade da sua redação e clareza de objetivo teológico-catequético.

O terceiro evangelho, entre os sinóticos, é o mais tardio, com datação aproximada do ano 80. Seu autor, nas primeiras linhas do prólogo, anuncia o intento de sistematicamente relatar “uma narração dos fatos que se cumpriram entre nós (...) escrever-te de modo ordenado, illustre Teófilo, para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebestes” (Lc 1,1-4). Harrington, elucida que o autor tem clareza de seu projeto escriturístico, assim expressando:

Redigindo com esmero o seu prólogo e dedicando a obra ao “excelente Teófilo”, Lucas introduz uma obra e não visa meramente a informar a respeito da boa-nova; seu escopo é estabelecer a solidez do ensino catequético e, por esse motivo sua intenção expressa é pesar as suas fontes visando a este objetivo, mostra cuidado em apresentar dados históricos<sup>27</sup>.

Na própria redação, o evangelista, explicita as fontes, as quais recorre para atestar a veracidade do que está a registrar. “Conforme no-los transmitiram, os que desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra” (Lc 1,2). Assim reafirma a veracidade do escrito, dando ao seu leitor o conhecimento que a ele mesmo recebeu daqueles que presenciaram os fatos descritos, como que um historiador e de outro lado, assume o estilo helenístico de escrita na produção do prólogo.

Quanto a autoria do texto, não podemos afirmá-la com exatidão, tanto a história da interpretação do texto, quanto a tradição, nos leva a atribuir a Lucas. Os registros encontrados sobre ele, o caracteriza possivelmente como “médico, colaborador e companheiro de viagem de Paulo. Menos atestado: um sírio de Antioquia.”<sup>28</sup>. Os estudos exegéticos do texto evangélico levam a afirmar categoricamente que o autor, de fato é uma pessoa bem instruída, com o domínio da língua grega, e conhecimento do judaísmo com profundidade, e que não foi diretamente testemunha direta de Jesus. Brown define assim:

Lucas: pessoa instruída, versado em uma grega, escritor habilidoso, reconheceria as escrituras judaicas em grego e que não foi uma testemunha ocular do ministério de Jesus. Serviu-se de Marcos e de uma coleção de ditos do Senhor (Q), bem como de algumas tradições disponíveis, orais ou escritas. Provavelmente não foi educado como

<sup>27</sup> HARRINGTON, Wilfrid J. **Chave para a Bíblia**: A revelação, a promessa, a realização. Tradução Josué Xavier, Alexandre Macintyre. São Paulo: Paulus, 2014, p. 477-478.

<sup>28</sup> BROWN, Raymond E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 329.

judeu, mas talvez convertido ao judaísmo antes de tornar-se cristão. Não era a Palestino.<sup>29</sup>

Ao se referir ao autor do terceiro Evangelho, Kummel, retoma as fontes antigas na busca de informações, afirmando de início que o testemunho de Papias é insuficiente, apontando para o *Canôn de Muratori*, como uma antiga e confiável fonte eclesiástica que diz:

O terceiro livro dos Evangelhos é aquele segundo Lucas. Este Lucas, que era médico, depois da Ascensão de Cristo e desde que Paulo o tomou consigo como um "expert" no caminho (= ensinamento) [...], compô-lo em seu próprio nome e de acordo com o (seu) pensamento. Mas ele próprio não chegou a conhecer o Senhor na carne; por isso, na medida em que era capaz de discerni-lo, começou a contar a história a partir do nascimento de João (linhas 3-8)<sup>30</sup>.

Comitadamente, o evangelho de um lado é resultado de uma pesquisa acurada, de coleta de testemunhos orais e escritos, por outro é determinante a pertença e a intenção do autor, como alguém que se colocou no "caminho", na mesma via dos apóstolos e destes recebeu os ensinamentos, experimentou pela pertença a Igreja nascente o Senhor Ressuscitado e cheio de alegria quis torna-Lo conhecido. O autor, se compreendeu responsável pela transmissão da verdade dos acontecimentos com Jesus, fazer novos amigos de Deus. O destinatário a quem endereça o texto, nos permite afirmar seu ímpeto de anunciar Jesus, ao chamá-lo Téofilo, que sua origem grega significa: *teó-* de Deus *filos-* amigo, assim temos: amigo de Deus.

O texto denota ser escrito aos gentios, uma vez que se afasta gradativamente da problemática judaica, predominante nos outros sinóticos. Nele podemos encontrar conteúdos exclusivos como: o chamado Evangelho da Infância, que apresenta desde o anúncio do anjo a Maria até as peregrinação a Jerusalém aos doze anos, nos dois primeiros capítulos, algumas parábolas (Lc 15,1-32), e a caminhada a Emaús (Lc 24,13-42).

A Boa Notícia que está no centro do evangelho de Lucas, é a do Reino de Deus presente, próximo, inaugurado por Jesus. A alegria de todos que tem suas vidas tocadas por Ele, não é uma projeção de futuro, mas fruto de um encontro transformador. O leitor é insistentemente convidado a ser tomado por este sentimento, superando os medos, divisões e, sobretudo reconhecer que a salvação está diante de si, e é para todos os povos. Ao comentar a perícopes sobre o encontro de Jesus com Zaqueu, Pagola ressalta o modo que irrompe a salvação

<sup>29</sup> BROWN, 2012, p. 329.

<sup>30</sup> Cf. KÜMMEL, W. G. **Introdução ao Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2009, p. 182-183.

na vida de quem se abre ao dinamismo do Reino de Deus, conforme constatamos nas palavras de Jesus: “hoje a salvação entrou em sua casa” (Lc 19,1-10)<sup>31</sup>.

Em se tratando de um encontro com a Pessoa de Jesus, que é capaz de transformar a vida de uma pessoa, em todos seus aspectos, encontramos na segunda encíclica de Bento XVI as seguintes pontuações:

Somente quando o futuro é certo como realidade positiva, é que se torna vivível também o presente. Sendo assim, podemos agora dizer: o cristianismo não era apenas uma “boa nova”, ou seja, uma comunicação de conteúdos até então ignorados. Em linguagem atual, dir-se-ia: a mensagem cristã não era só “informativa”, mas “performativa”. Significa isto que o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera fatos e muda a vida.<sup>32</sup>

Existe uma dimensão de correspondência entre o amor misericordioso de Deus, em Jesus, com o testemunho pessoal de abertura a graça, isto se expressa em um coração convertido, em um desejo operante de mudança de vida. Para Zaqueu essa atitude se expressa em reparar seus erros devolvendo quatro vezes mais aos que defraudou, de acordo com o que pedia a Escritura, e mais ainda extrapola o legalismo ao dar a metade do que possuía aos pobres (Lc 19,8).

Na ótica lucana, a *parusia*, é uma realidade presente no Senhor Ressuscitado, ele apresenta, de certo modo, uma escatologia realização no Reino inaugurado por Jesus, Harrington, explicita isso afirmando: “O momento presente é o tempo do cumprimento. É o que explica a frequência dos advérbios “agora” (*num*), “hoje” (*sēmeron*) no evangelho e nos Atos dos Apóstolos”<sup>33</sup>.

Os Atos dos Apóstolos é a segunda parte da obra lucana, e dela não se desvincula quanto ao estilo, vocabulário, objetivo, datação e pode ser compreendida como continuação dos “Atos e Palavras de Jesus”, o evangelho e os “Atos e Palavras do Apóstolos”, o povo do caminho. A vida dos apóstolos, na linguagem lucana, é uma verdadeira continuidade das realizações e ensinamentos de Jesus. Cabe ressaltar que ambos, não possuem o título, com estamos acostumados a encontrar na Sagrada Escritura, estes foram dados posteriormente na constituição do cânon, bem como a divisão em dois livros.

Um paralelo pode ser feito entre a estrutura do Evangelho e os Atos. Ora, enquanto no primeiro a narrativa apresenta o ministério de Jesus em duas partes, a pregação na Galileia e

<sup>31</sup> Cf. PAGOLA, José Antonio. **O Caminho Aberto por Jesus**: Lucas. Tradução Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 31.

<sup>32</sup> BENTO XVI, Papa. **Encíclica Spe Salvi**. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 2.

<sup>33</sup> HARRINGTON, 2014. p. 480.

jornada para a Jerusalém; o segundo se divide de igual modo, num primeiro momento sob a liderança de Pedro e posteriormente de Paulo. Em Atos a estrutura textual, da missão cristã, segue um itinerário geográfico, correspondente, “Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda Judéia e Samaria, e até os confins da terra.” (At 1,8), obedecendo o imperativo de Cristo Ressuscitado aos discípulos. Todavia, ocorre que a Salvação universal é proclamada no evangelho, os Atos querem demonstrar que o anúncio apostólico pela força do Espírito Santo é eficaz em produzir frutos em todo mundo conhecido, seu escrito tem grande conotação apologética e querigmático.

Aquele que tem um encontro com Jesus Cristo, muda os rumos de sua existência, é convidado a uma nova vida, por isso, é inserido em um novo dinamismo temporal<sup>34</sup>. Nesse Evangelho, a compreensão de tempo também é resinificada. “Lucas é o teólogo da história da Salvação, para ele, a história se divide em dois períodos: o de Israel; o período de Cristo e sua Igreja”<sup>35</sup>. É na plenitude que somos unidos ao Cristo, “na plenitude dos tempos” (Gl 3,4). De um lado a visão do autor segue a mesma via de compreensão paulina, que indica a chegada dos tempos do Messias, que finda a longa espera do antigo Israel, como medida finalmente plena, de outro supera o apóstolo dos gentios, ao compreender a salvação realizada no hoje, como já referimos acima.

O estudo de Lucas nos coloca diante do tríplice divisão do tempo, que tem a centralidade em Jesus, como presença que inaugura o Reino de Deus, um antes da promessa e espera de salvação ao povo de Israel, e posteriormente a continuação pelo Espírito na vida da Igreja. Harrington apresenta a tripartição com a teoria do teólogo alemão *Hans Colzenzelmann*, que identifica neste evangelho a História da Salvação particionada em três épocas histórico-salvíficas: o período do povo do Antigo Israel (Lc 16,16); o período da vida de Jesus onde se realiza a Salvação de modo definitivo (Lc 4,1-13; At 10,38) e por último o período da Igreja, que se expressa na comunidade dos discípulos que continuam a missão de pregar a Boa Notícia do Reino<sup>36</sup>.

Compreendendo os esforços a serem mobilizados a fim de realizar a Iniciação à Vida Cristã, o exposto é bastante significativo, pois faz-nos ter consciência do vínculo de continuidade entre o seguimento de Jesus e a pertença à comunidade eclesial, a vida de fé, uma nova identidade pessoal e conseqüentemente a participação na missão.

---

<sup>34</sup> HARRINGTON, 2014, p. 480.

<sup>35</sup> HARRINGTON, 2014, p. 490.

<sup>36</sup> Cf. HARRINGTON, 2014, p. 480-481.

## 2.2 O Caminho como lugar da experiência com Jesus em Lucas

O evangelho de Lucas tradicionalmente tem sido dividido duas grandes partes<sup>37</sup>: a primeira, a preparação do ministério de Jesus (Lc 1,5-4,13), e esta compreende as narrativas da infância (Lc 1,5-2,52) e preparação da missão de João Batista, o precursor (Lc 3,1-4,13); a segunda parte corresponde ao restante da narrativa evangélica (Lc 4,14-24,53). O evangelista narra a viagem de Jesus, que deixa a Galileia e vai para Jerusalém (Lc 9,51-19,28), aqui para os estudiosos se desenvolve a “teologia do caminho” que segue uma intenção catequética:

No pensamento catequético de Lucas está *o caminho da Galileia a Jerusalém* e o que isso significa, como, aliás, já aparece em Marcos, embora de estilo e maneira diferentes. Trata-se de realizar *o plano da salvação de Deus* centrado em Jerusalém, e é por isso que Lucas emprega continuamente o verbo *dei* (é preciso/era preciso) para designar este plano divino que passa pelo sofrimento, isto é, pela dádiva do Filho ao Pai e à humanidade<sup>38</sup>.

O início da obra de Lucas, já no evangelho da infância, encontramos o elemento que desejamos aqui explorar, a dimensão do caminho como construção bíblica-teológica, que ilumina a formação do discípulo-missionário como verdadeiro itinerário com o Senhor. As recorrências do termo “caminho” e seus correlatos, bem como as atitudes de caminhar são numerosas, vejamos algumas: a) no anúncio do anjo sobre o ministério profético de João Batista, “caminhará à sua frente”, falou a Zacarias (Lc 1,17); b) no exemplo da Virgem, que após receber a visita do anjo, “Maria colocou-se a caminho da casa de Isabel e Zacarias”(Lc 1,39)<sup>39</sup>; c) no nascimento de João, seu pai anuncia sua missão “ tu andaras a frente do Senhor, para preparar os seus caminhos” (Lc 1,76). d) José e Maria sobe a Belém, para o recenseamento (Lc 2,4); e) A peregrinação a Jerusalém, aos doze anos para a festa da Páscoa (Lc 2,41); f) O caminho Jerusalém com os discípulos para celebrar a Páscoa (Lc 9,51ss); g) O icônico caminho de Jerusalém a Emaús (Lc 24,13-35).

O desenvolvimento do evangelho segue a geografia de um caminho, que conota uma opção expressa pelo autor. As atividades de Jesus começam na Galileia, lugar pobre, interiorano

<sup>37</sup> Cf. BROWN, Raymond E, 2012. p. 327.

<sup>38</sup> NEVES, Joaquim Carreira das. **A “catequese” como chave hermenêutica dos evangelhos sinóticos.** Didaskalia: Lisboa, 1998 (*grifo do autor*), p. 114.

<sup>39</sup> Este acontecimento ressalta a importância da relação entre João Batista e Jesus, e a missão de ambos que se ligam também no fato de ser itinerante. Maria chegar ao destino, junto de Isabel, celebram a vida exultantes no Espírito, ambas repletas de alegria. Mãe de Jesus proclama as maravilhas de Deus, que atuou com misericórdia com os humildes. O *Magnificat* é uma louvação esplendorosa, que se estende as gerações, uma vez que Deus, fez com o povo a promessa e se manteve sempre fiel, os libertando, salvando e caminhando com aqueles que Ele escolheu por sua herança, de modo definitivo. O final do relato Isabel, proclama Maria como Mãe do Salvador e relata que no seu ventre a criança vibrou de alegria pelo encontro.

e simples, e termina em Jerusalém. Jesus tomou “resolutamente o caminho de Jerusalém” (Lc 9,51) onde faz o anúncio exigente de sua paixão e oferece grande instrução aos discípulos desafiando ao seguimento e o sofrimento inerente a vocação apostólica.

As peregrinações a Jerusalém por ocasião da Páscoa, são marcantes na narrativa. José e Maria vão anualmente para esta celebração (Lc 2,41), e aos doze anos levam o menino Jesus. Em uma das ocasiões, Jesus ficou entre os doutores da Lei no Templo, enquanto seus pais faziam o caminho de volta. É fato, que numerosa são as recorrências do verbo “ir” (no sentido de passar, caminhar), chegando a um número de 51 vezes no evangelho.

Ao propor para o ano de dois mil e nove, como ano catequético nacional, os bispos do Brasil nos exortavam que “caminhar é preciso” tendo como fundamentação bíblica a períclope dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35). O texto-base nos ajuda compreender a ideia do caminho na história da Salvação, salientando:

Essa temática é [...] muito forte para a Igreja, tanto quanto foi para o povo de Israel. O ato de caminhar indica do desenvolvimento da história da salvação. Abraão e Sara saem de Ur, na Caldeia, peregrinaram construindo o caminho até chegar à terra por Deus prometida e fazem história nesse peregrinar (cf. Gn 12,1-3). Séculos depois, por necessidade, povo de Abraão se refugiou no Egito e se transformou em escravo. Mas tarde, sob a liderança de Moisés se liberta e peregrina durante 40 anos pelo deserto (cf. Ex15-20) para voltar à terra da promessa. O Êxodo é uma grande caminhada de libertação e de aprendizado (cf. Ex 3,18). Neste caminhar peregrino ele aprende e percebe o projeto de Deus e a fidelidade a aliança com Deus único selada no Sinai. O exílio, todavia, revela a caminhada de sofrimento e esperança e conversão nesse processo de ida e volta aprofundar a compreensão do Deus Criador Universal (cf. Is 62,10)<sup>40</sup>.

A experiência da revelação divina acontece numa pedagogia, que proporciona uma história crescente de compreensão do mistério de Deus. Por ser um caminho pedagógico, é necessário dar passos e experimentar a sua fidelidade imerecida, e assim descobrir paulatinamente sua identidade. A ideia do caminho é, portanto, um método de comunicação de Deus, meio pelo qual através da história do povo escolhido se faz conhecer.

Além disso, Jesus é o Caminho e ao mesmo tempo o “*tipòs*”, modelo daquele que caminha, quando na estrada alguém propõe a juntar-se a ele, surpreende seu interlocutor de modo enfático, “O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Lc 9,58), a opção pelo seguimento do Senhor é definitiva, ele era um pregador itinerante, caminheiro e o Caminho (Jo 14,6). Está para além da compreensão de deslocamento geográfico, porque se relaciona com o seguimento, o permanecer e aprender do Mestre. Na caminhada, coloca exigências aos

---

<sup>40</sup> CNBB. **Catequese, Caminho para o discipulado**: 2009, Ano Catequético Nacional, Texto-Base, Brasília: Edições CNBB, 2008, nº 13.

discípulos e missionários (Lc 9,57-62; 10,4), orientando para a renúncia de si, do desprendimento evangélico dos bens; ordena inclusive sobre o que levar na missão.

Nessa perspectiva itinerante, de acompanhar Jesus, o discípulo deve compreender, numa dimensão escatológica, como peregrino (I Pd 2,11) e não temer lançar-se adiante, com desprendimento, mesmo em dificuldades, tropeços, seguir descobrindo e aprendendo ao escutar a voz do Mestre. Mesmo os que estiveram mais próximo d'Ele, por vezes, tardaram a compreender, e mais ainda atender seus apelos, mas incessantemente tomando-os a parte o Senhor os repreendia e jamais desistia de ensiná-los.

Os discípulos, enviados em missão, recebe as instruções do Mestre (Lc 10,1) e na experiência missionária com Jesus são formados (Lc 10,17-20) aprende que a mensagem a ser anunciada é da alegria “do Reino de Deus que está próximo” (Lc 10,12).

O Papa Francisco, na encíclica inaugural de seu pontificado, ressalta esta dimensão da teologia de Lucas, afirmando que:

A alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária. Experimentam-na os setenta e dois discípulos, que voltam da missão cheios de alegria (cf. Lc 10, 17). Vive-a Jesus, que exulta de alegria no Espírito Santo e louva o Pai, porque a sua revelação chega aos pobres e aos pequeninos (cf. Lc 10, 21). [...] Esta alegria é um sinal de que o Evangelho foi anunciado e está a frutificar. Mas contém sempre a dinâmica do êxodo e do dom, de sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além. O Senhor diz: “Vamos para outra parte, para as aldeias vizinhas, a fim de pregar aí, pois foi para isso que Eu vim” (Mc 1, 38). Ele, depois de lançar a semente num lugar, não se demora lá a explicar melhor ou a cumprir novos sinais, mas o Espírito leva-O a partir para outras aldeias<sup>41</sup>.

O Sumo Pontífice, apresenta a alegria como algo fundamental aos missionários, e tem como base a recorrência, que o evangelista nos apresenta, de manifestar a vontade divina e ver a sua ação produzir êxito.

A missão é universal e precisa de mais trabalhadores. Para tanto, é necessário que sigamos adiante, e continuemos o caminho do semear. Ainda nos recordam os bispos do Brasil, sobre o dinamismo da catequese:

Em sua caminhada humana, Jesus frequentemente toma a iniciativa de se aproximar. Ele se torna presença na vida dos discípulos, os acompanha e caminha com eles. [...] Neste caminhar ele instruía os discípulos, falava do Reino, curava doentes, explicava com gestos e palavras um novo modo de viver a fraternidade, o respeito à dignidade da pessoa, o relacionamento entre eles e a proposta do Reino<sup>42</sup>.

<sup>41</sup> FRANCISCO, Papa. **Encíclica *EVANGELII GAUDIUM***. São Paulo: Paulinas, 2013, n. 21

<sup>42</sup> CNBB, 2008, n.17.

Entrar na escola do evangelho exige de nós um desinstalar, para ir em direção ao outro. Sair em missão, ir ao encontro, caminhar, apresentar a mensagem do Reino que se encontra presente, em nosso meio. O Senhor envia incessantemente, como enviou Abraão, Moisés, os profetas, e nos enviou o seu Filho, que na força do Espírito nos envia para continuar a manifestar os sinais do Reino.

Portanto, a chegada em Jerusalém, foi por um lado, o final do caminho de instrução aos discípulos, marcado pelo conflito, perseguição e morte. Por outro lado, foi o lugar do recomeço, e ao mesmo tempo do renascer da esperança, do testemunho do sepulcro vazio e de retornar a Jerusalém, revigorados. O discípulo-missionário de Jesus é enviado a dar continuidade nesse caminho, favorecer assim, com seu testemunho alegre, atrair todos a Cristo.

### 2.3 O Caminho de Emaús: encontro, Palavra, Pão e missão

No aspecto catequético a perícopes dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) é extraordinária, e com excelência nos ajuda a mergulhar no mistério Pascal do Senhor, e reconhecer sua presença na comunidade. O episódio relatado, é um modelo pedagógico<sup>43</sup>, paradigmático. Nele os discípulos, apesar de todo conhecimento dos acontecimentos, precisaram ser conduzidos à descoberta da fé, sob a ótica da Ressurreição, a ressignificar os momentos que eles haviam passado ao lado de Jesus. Os novos horizontes abertos que o texto apresenta, tem suas raízes no acontecimento da vida, na força da Palavra e Pão, levando a um recomeço missionário.

O evangelista do caminho reforça esse dinamismo do seguimento de Jesus. Ele apresenta “caminhar”, “caminho” três vezes ao longo da narrativa: no começo (v. 15), no meio (v. 32) e no final (v. 35). O desejo do escritor sagrado é convencer que da verdade da fé, que o Senhor Ressuscitado, toma a iniciativa de ir ao encontro de nossa humanidade, por vezes ferida, tibia, vagarosa em compreender os mistérios divinos. A atitude do peregrino é de abertura para aquele que se aproxima, numa relação dialogal, é cativado por sua mensagem e faz uma adesão pedindo para permanecer com eles.

Como inspiração para uma catequese iniciática, é possível destacar no itinerário a Jerusalém, quatro etapas: aproximar; explicar as Escrituras, partilhar o Pão e retomar a missão. A elaboração da narrativa ajuda o leitor fazer um processo de descoberta e de amadurecimento da compreensão dos acontecimentos ocorridos em Jerusalém. O autor habilmente constrói o

---

<sup>43</sup> Compreendemos neste contexto, pedagogia como *modus operandi* de Deus, no processo da Revelação, que culmina em Jesus. E não como a ciência educacional moderna.



texto com um desfecho que possibilita uma chave de leitura de iniciação no conhecimento de Jesus Cristo.

A primeira etapa, é marcada pela desesperança dos discípulos e a iniciativa da aproximação de Jesus. Após a morte de Jesus, no primeiro dia da semana, dois discípulos tomam a decisão de ir embora (Lc 24,13-27). Sair de Jerusalém era o que restou aos dois discípulos, pois haviam perdido toda a esperança, seu mestre tinha sido morto. Jesus se aproxima e começa a escutá-los. A atitude do Senhor, estabelece um paradigma para ação evangelizadora, da aproximação, da escuta, de inteirar-se, de se interessar verdadeiramente pela pessoa. Nas orientações do Ano catequético encontramos a afirmação de que “a iniciativa é de Jesus. Ele não interrompe o assunto. A atitude é de caminhar com eles, escutá-los e descobrir sua realidade”<sup>44</sup>. Estabeleceram um diálogo sincero, falaram de toda expectativa messiânica (de um líder humano e nacionalista que libertaria Israel) que possuíam a respeito de Jesus, mesmo após sua morte e do relato do testemunho do túmulo vazio dado pelas mulheres.

A atitude do fazer-se próximo é facilitadora do encontro com o Senhor, um Deus que não é alheio a realidade existencial da pessoa. Logo, a Iniciação à Vida Cristã deve ser permeada de igual atitude, como ressalta Barboza:

A narrativa acentua *aproximar-se Jesus*. Ele se aproxima e caminha com eles. Aproximar, caminhar e dialogar são atitudes fundamentais no processo da Iniciação. Jesus se dá a conhecer em uma metodologia simples. Ele evangeliza aproximando-se das pessoas, apresentando-se a partir das necessidades concretas de cada situação.<sup>45</sup>

A ação evangelizadora acontece no sair em direção ao outro, na acolhida interessada, no diálogo. Jesus não faz uma pergunta retórica, não é indiferente, mas se compromete em ouvir a expressão da dor e desilusão que levaram os discípulos saírem de Jerusalém.

Na segunda etapa, passando pelas Escrituras, Moisés e todos os profetas (Lc 24,27), Cristo, leva a compreensão perfeita da plenitude da vida oferecida por Deus, na sua Paixão, Morte e Ressureição. O Senhor conduz para a superação da experiência da cruz, como maldição. Pagola, reforça este pensamento dizendo:

O encontro com Jesus Cristo não se distingue do encontro com a Palavra, é o mistério do Verbo Encarnado que se revela e alcança a humanidade. “Os discípulos falam de

---

<sup>44</sup> CNBB, 2008, n 23.

<sup>45</sup> BARBOZA, Maria Aparecida. **A iniciação como caminho, na perspectiva dos relato do discípulo de Emaús.** In: PERUZZO, José Antonio. **E seguiram Jesus...** caminhos bíblicos de iniciação. Brasília: Edições CNBB. 2018, p. 119.

suas expectativas e frustrações; Jesus os ajuda a aprofundar na identidade do Messias crucificado<sup>46</sup>.

A cruz na vida cristã não tem conotação de fracasso, mas de um compromisso de amor, que deve ser lido iluminado pelas Escrituras e em comunidade. A Palavra é Cristo, que na Sagrada Escritura faz-nos chegar ao dinamismo do amor de Deus, que envolve ao ponto de fazer Dom de si a humanidade.

A Iniciação não pode ser desligada da História da Salvação, da compreensão bíblica que tem chave de leitura cristológica e cristocêntrica. Sua missão consiste em primar pela vivência da Palavra da vida, no autêntico serviço aos irmãos.

A terceira etapa é a chegada ao povoado, onde acontece a partilha do Pão. Jesus é reconhecido ao partilhar o Pão (Lc 24,28-32). O que antes era um desconhecido, tendo se interessado por nós, sido companhia agradável, e estabelecido um diálogo, ocupado nossa atenção a ponto de não querer que ele siga sozinho ao anoitecer. “Permanece conosco, pois cai a tarde e dia já declina.” (Lc 24,29b) Mesmo sem esperança, suas memórias estavam marcadas pela experiência que tiveram com o Senhor, na Palestina. As lembranças que guardaram não foram suficientes para que permanecem com os demais. O encontro com o Crucificado-Ressuscitado desperta o desejo de permanecer com Ele, a noite é escuridão, o perigo das trevas se aproximava. Jesus acolhe o pedido deles e permanece em Emaús, conforme ressalta Barboza:

Jesus aceita o convite, entra na casa e permanece com eles. Ao redor da mesa, o hóspede toma o pão o pronúncia bênção, parte reparte com eles. O rito da partilha remete à memória da prática messiânica de Jesus de multiplicar o pão (Mt 14,13-21; Lc 9,10-17; Mc 6,30-42) com as multidões famintas e te parti-lo na ceia (Lc 22,19)<sup>47</sup>.

Ao se colocarem à mesa, a alegria toma conta dos discípulos, pois reconhecem o Senhor, naquele gesto da fração do pão. A Eucaristia é o pão que fortalece para caminhada, afasta o medo, pois é memorial em que se presentifica o Senhor. De maneira análoga, Pagola afirma que: “O coração dos discípulos começa a arder: sentem a necessidade de que ele “desconhecido” fique com eles. E ao celebrar a ceia eucaristia, seus olhos se abrem e eles os reconhecem: Jesus com eles, alimentando sua fé!”<sup>48</sup>. A memória perpetuada da ceia pascal de Israel, tornada ceia de uma nova e eterna aliança, torna-se uma fonte de reconhecimento da identidade do Cristo e por sua ordem, da comunidade.

---

<sup>46</sup> PAGOLA, 2012, p. 363.

<sup>47</sup> BARBOZA, 2018, p. 125.

<sup>48</sup> PAGOLA, 2012, p. 363.

Na última etapa, os discípulos são impulsionados pelo ardor interior causado pela Palavra e pelo Pão, para refazer do caminho de Jerusalém (Lc 24,33-35). Quando são tomados pelo entusiasmo de compreender a presença de Jesus, no caminho, na palavra, na ceia, são impulsionados a voltar a para junto da comunidade. A presença do Senhor, provoca a mudança da mentalidade, mesmo sendo noite, eles saem subitamente: “Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém. Acharam aí reunidos os Onze e seus companheiros.” (Lc 24,34).

Vale ressaltar que é um novo ardor que se espalha e contagia. Ou seja, o coração pulsa, espalha esse ardor, renova as forças do corpo, leva à mente, à consciência e move nossos pés, para ir anunciar. Os que são iniciados à vida cristã, são agora discípulos missionários e não se isentam da responsabilidade que o Senhor os confia. A conferência episcopal reforça que: “é com ardor renovado pela presença e proximidade com o Ressuscitado que os olhos se abrem, o coração se aquece. Agora novo ardor se espalha. Eles compreendem e interpretam o caminho percorrido<sup>49</sup>”. Tem coração ardente, pois em seu caminho, se guiam pela voz do Mestre e se alimentam do Pão, por isso, não se deixam tomar pela desilusão e o medo de ficar em Jerusalém.

---

<sup>49</sup> CNBB, 2008, n 85.

### 3 SER DISCÍPULO MISSIONÁRIO HOJE

A Igreja como continuadora da missão de Jesus, deve ser espaço propício para levar a experiência pessoal com Ele, através de verdadeiros itinerários de iniciação. Essa preocupação está presente desde os primeiros séculos da antiguidade cristã. Já nesse período, pelo testemunho dos Santos Padres, podemos identificar o desenvolvimento do catecumenato. De modo similar, ao fazer a leitura do Evangelho de Lucas, também identificamos a intenção do autor, de propor um caminho de fé, para nos tornarmos peregrinos, discípulos do Mestre e enviados para Missão. Podemos, agora, após compreender o testemunho da Sagrada Tradição e da fundamentação da Sagrada Escritura, lançar-nos no exercício de conhecer as propostas da Iniciação à Vida Cristã, iluminados pela voz do Magistério eclesial.

#### 3.1 O processo catequético como conversão pessoal

A Iniciação à Vida Cristã na vivência da Igreja deve ser prioridade, pois junto com a liturgia compõe dois alicerces, para direcionar a Salvação. O Catecismo da Igreja Católica expressa, com clareza, o compromisso eclesial com a verdade que lhe foi confiada e como de seu conhecimento depende a salvação<sup>50</sup>. A Igreja como servidora da verdade, que é Cristo, deve empenhar em proporcionar meios para evangelização, a transmissão da fé.

A teologia paulina na segunda carta a Timóteo expressa a compreensão da Igreja como depositária da fé: “Toma por modelo as sãs palavras que de mim ouvistes, com fé e com amor que está em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito, por meio do Espírito Santo que habita em nós.” (1,13-14). O Apóstolo recomenda de início o zelo com os ensinamentos oferecidos, em seguida pede que a guarde com a graça do Espírito Santo. Isto, implica haver uma intersecção em duas dimensões da experiência de fé. O primeiro momento tem como objeto a mensagem anunciada, o segundo se relaciona com a disposição da alma que acolhe o dom de Deus e assente decididamente.

Corroborar com essa compreensão da distinção entre a fé, como a verdade da mensagem cristã (conteúdo), e o assentimento do crente (profissão), o papa alemão na catequese inaugural do Ano da fé:

E gostaria que fosse clara que estes conteúdos ou verdades da fé (*fides quae*) se relacionam diretamente com a nossa vida; exigem uma conversão da existência, que dá vida a um novo modo de crer em Deus (*fides qua*). Conhecer Deus, encontrá-lo,

---

<sup>50</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CEC). Petrópolis: Vozes, 2005, n. 851.

aprofundar os traços da sua Face põe em jogo a nossa vida, pois Ele entra nos dinamismos profundos do ser humano.<sup>51</sup>

A opção fundamental de crer, pela pedagogia divina ocorre de modo adequado ao homem, que tem a oportunidade de se colocar diante da face do Criador, ou seja, nasce de uma relação entre duas pessoas. E implica também em reconhecer tais verdades, por sua capacidade intelectual, como algo inerente a vida.

A fé como assentimento, *fides qua* (resposta), de modo estrito não é passível ser transmitida. Ela é resultado da vivência pessoal, fruto do encontro com Deus, que teve início em determinada experiência. Ela é manifestada nos pequenos atos cotidianos, expressada no agir cristão, quando na vida a pessoa é capaz demonstrar ter sido envolvida pelo amor de Deus. A fé, *fides quae* (mensagem), por outro lado, se transmite pela pregação, ensino e no modo ordinário pela tarefa da catequese.

Na proposta de Iniciação à Vida Cristã, estas duas dimensões da fé, devem caminhar juntas, apesar de que metodologicamente, tenha acento em uma ou outra de acordo com os tempos previstos. O encontro com o Senhor deve oportunizar na vida do crente, uma conversão inicial, que funda a opção fundamental feita na liberdade, e eleva a um dinamismo novo, como recordava o papa emérito:

O encontro com Cristo renova os nossos relacionamentos humanos, orientando-os no dia-a-dia para uma maior solidariedade e fraternidade, na lógica do amor. Ter fé no Senhor não é algo que interessa unicamente à nossa inteligência, ao campo do saber intelectual, mas é uma mudança que compromete a vida, a totalidade do nosso ser: sentimento, coração, inteligência, vontade, corporeidade, emoções e relacionamentos humanos. Com a fé muda verdadeiramente tudo em nós e para nós, e revela-se com clareza o nosso destino futuro, a verdade da nossa vocação no interior da história, o sentido da vida, o gosto de sermos peregrinos rumo à Pátria celeste<sup>52</sup>.

O cristão é tomado na integridade de seu ser, pela adesão de fé realizada. Sua história pessoal, chamada à lógica divina, expressa no amor-doação total, a exemplo de Cristo, e isso é performativo. O “caminho de vida”, como apresenta a *Didaqué*, tem uma atualidade de verdade de fé, e é para esse caminho que nossos itinerários catequéticos devem conduzir. O cristão autêntico é alguém selado pelo encontro com Jesus, como temos no exemplo de Zaqueu, que teve seu coração renovado, afastando da vida de pecado.

---

<sup>51</sup> BENTO XVI, Papa. **Oração e santidade**: Catequeses ao povo de Deus. Tradução oficial da Santa Sé. v. 4. São Paulo: Molokai, 2018, p. 384.

<sup>52</sup> BENTO XVI, Papa, 2018, p. 380.

A catequese de inspiração catecumenal, proposta pela Igreja, quer ser uma oportunidade de evangelização atual, que considera o homem na integridade, bem como a cultura em que está inserido. A busca das fontes antigas, deve-se ao desejo de realizar um discipulado por uma via iniciática, que facilita a iluminação e purificação, do mergulho no Cristo.

A antropologia para qual a fé em Jesus nos remete considera uma liberdade plena, que tem raízes na capacidade racional de discernir o bem, a fim de fazer a adesão a ele. Este bem se identifica, em uma última, instância com o próprio Deus, uma vez que o cristão tem como horizonte o projeto de vida plena em Jesus, para o qual, como nos recorda o Papa João Paulo II, é convidado a eleger em cada ato:

Trata-se da escolha da fé, da obediência da fé (cf. Rm 16,26), pela qual “o homem entrega-se total e livremente a Deus prestando “a Deus revelador o obséquio pleno da inteligência e da vontade”. Esta fé, que opera mediante a caridade (cf. Gl 5,6), provém do mais íntimo do homem, do seu “coração” (cf. Rm 10, 10), e daí é chamada a frutificar nas obras (cf. Mt 12, 33-35; Lc 6, 43-45; Rm 8,5-8; Gl 5, 22)<sup>53</sup>.

A sua eleição por Cristo, longe de ser uma eleição filosófica, é existencial. Ela se expressa nas atitudes, conforme a teologia paulina demonstra, nas obras do homem novo, movido pelo Espírito (Gl 5,19-26). A opção fundamental deve ser concretizada no discernimento de cada um dos atos, nas eleições realizadas, em afastar do mal, por menor que seja e desejar o bem.

### 3.2 Os seguidores do caminho e a missão

O cristão que participou de um itinerário iniciático, possui consciência de seu encontro com o Senhor, entende a sua vida inserida na história de Salvação, não há mais lugar para escuridão e medo. Seu lugar é na missão, junto à sua comunidade e com ela perseverar no dinamismo do seguimento. Os Atos dos Apóstolos nos ensinam que existe um duplo movimento a realizar o encontro com Jesus, o que leva a vida comunitária-ecclesial e o que impele a ação missionária. Podemos ao mesmo tempo dizer que a Igreja nasce da missão e para missão, não existe para si, mas, para ir pelos caminhos do mundo e fazer discípulos do Senhor

<sup>54</sup>.

<sup>53</sup> JOÃO PAULO II, Papa. Encíclica *Veritates Splendor* 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1993, n 66.

<sup>54</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Papa. Encíclica *Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1990, n.2.

A leitura dos Atos dos Apóstolos, não pode ser realizada separadamente do evangelho, pois, pertence a uma unidade escriturística bastante abrangente. As ações dos apóstolos são corretamente compreendidas se forem ligadas, às ações de Jesus. Temos, portanto, entre os livros, apesar de sua separação canônica no ordenamento bíblico, uma relação de continuidade e reciprocidade interpretativa.

Interessa-nos bastante, na vertente da continuidade, seguir a reflexão da formação dos discípulos de Jesus e da missão. Um paralelo pode ser observado, na perspectiva de uma bipartição da obra, partindo da geografia, modo análogo ao evangelho, porém rompendo em seguida temos duas partes: “uma em que Pedro desempenha o papel de chefe, e volta-se para Jerusalém; a segunda centralizada em Paulo, rompe essa moldura geográfica, e volta-se para Roma”<sup>55</sup>. A irregularidade pode ser justificada por uma tentativa do autor de corresponder na obra o imperativo do Senhor: “Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, até os confins da terra” (At 1,8).

Para que isso se realiza, Jesus cumpre a promessa e envia o Espírito Santo sobre os discípulos no cenáculo, para ser força na missão, falar por eles, para que pudessem continuar a caminhada. A universalidade da missão se expressa, neste novo tempo protagonizado pela força do Espírito Santo, atuando nos apóstolos, Pedro e Paulo, nos quais está centrado na segunda parte da obra lucana.

O caminho, nesse segundo livro, toma duas conotações, além de ser o fio condutor de uma reflexão da obra: “o caminho passa a significar a doutrina (At 18,26), como também o grupo daqueles que seguem Jesus (At 9,2; 19,9; 22,4)”<sup>56</sup>. Corrobora com esta via interpretativa Panazzolo, afirmando:

O processo de iniciação à vida cristã é percorre de um caminho de comunicação. Os Atos dos Apóstolos definem os seguidores de Jesus, ou a comunidade dos fiéis, como os “adeptos do Caminho”. Assim que Paulo se dirigiu a Damasco a fim de trazer presos para Jerusalém os homes e mulheres que encontrasse, seguindo o Caminho (At 9,2)<sup>57</sup>.

Os discípulos continuam a compreender a proposta de Jesus, pela ação do Espírito, vivendo o tempo da Igreja, da tribulação e gradativamente se abrindo ao mundo grego, fugindo da perseguição. Embora sofra muitas dificuldades, tem firme a certeza da presença do

<sup>55</sup> HARRINGTON, 2014, p. 488

<sup>56</sup> CNBB. **Discípulos missionários a partir do Evangelho de Lucas**. (Mês da Bíblia 2013) Brasília: Edições CNBB, 2013, p. 22

<sup>57</sup> PANAZZOLO, João. João. **Caminho de Iniciação à Vida Cristã: elementos fundamentais**. São Paulo, Paulus, 2011, p. 19.

Ressuscitado e a missão de pregar a Boa Notícia do Reino, comunicando o que ordenou o Senhor.

Consequente, Paulo aparece na narrativa, dos Atos dos Apóstolos, como perseguidor dos seguidores do Caminho (At 9,1-19), mas cai por terra, de maneira similar aos dois que seguiam a Emaús. Tem uma nova compreensão que o transpõe das instruções judaicas do Antigo Israel para Novo Israel. Nesta perícopes, temos também, uma belíssima identificação da voz do Senhor, com os seguidores: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” Ele perguntou: “Quem és, Senhor?” E a resposta: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (At 9,4-5).

Na conversão de Paulo temos um emblemático episódio. Harrington diz que: “Saulo teve um dramático encontro com o Senhor Ressuscitado em pessoa, no caminho de Damasco, esse grande perseguidor foi transformado no grande Apóstolo das Gentes”<sup>58</sup>. A trama textual segue um ritmo dado pelo autor, que não insiste apenas no caminho, mas no que ocorre neste.

Podemos construir um paralelo entre o caminho de Emaús e de Damasco. Temos uma rota definida e motivação, os dois discípulos partiram para Emaús por não haver mais esperança e Saulo buscava autorização para perseguir os discípulos do Senhor; O encontro com Jesus e a perda da visão, aos discípulos aproxima como forasteiro, Saulo cai por terra. O desfecho da transformação, a tristeza tornada alegria, de um coração aquecido pela palavra e do alimento partilhado, perseguidor torna-se seguidor, exemplar, do Ressuscitado. E por fim, comunidade e a missão, em ambos os casos vão para junto da comunidade para comunicar o que aconteceu e com ela chegar à compreensão dos eventos.

Os traços comunitários delineados por Jesus vão crescendo, no dia de Pentecostes, por isso, é narrado que mais ou menos três mil pessoas foram acrescentadas aos seguidores do Senhor. Os laços de união se estabeleciam na fé em Jesus Cristo, no batismo para o perdão dos pecados e receber o Espírito Santo. E indissociável a experiência de Jesus Cristo e a vida eclesial.

Na vida do apóstolo Paulo encontra-se o cuidado, nas suas viagens, de formar comunidades cristãs nas várias cidades para continuarem a espalhar pelo mundo a Boa-Notícia de Jesus, que vivam a vida de filhos de Deus que é Pai e que deve ser vivida em fraternidade, em comunidade<sup>59</sup>.

Decidir pelo seguimento de Jesus traz como consequência a pertença aos membros do seu corpo vivo, como apresentou Paulo, ao referir se à Igreja por meio da imagem do corpo. “Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do

---

<sup>58</sup> HARRINGTON, 2014, p. 489.

<sup>59</sup>PANAZZOLO, 2011, p. 79.



corpo, apesar de muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo” (I Cor 12,12). Tal referência figurativa, elucida bem, no que corresponde aos numerosos membros e as suas respectivas funções, todas elas necessárias para que o organismo se mantenha operante e saudável.

### 3.2.1 Igreja: casa da Iniciação à Vida Cristã

Pela iniciação, somos chamados a uma identidade eclesial, a Igreja-comunhão, dos seguidores do Caminho (At 9,2), os que foram encontradas pelo amor de Deus e Jesus Cristo e contagiadas pelo seu Espírito. E começam a ter uma vida comum, a partilhar da mesa do pão e dos ensinamentos apóstolos. Reinert ressalta a comunidade como espaço vital para experiência de fé, afirmando que a fé cristã é eclesial. Diz o autor:

Comunidade é por excelência o lugar da iniciação cristã. Não se chega a ser cristão sozinho, assim como não se permanece cristão em solidão. Crer na Igreja significa ao mesmo tempo em Igreja, sendo uma comunidade eclesial. Em outras palavras, a iniciação é um encontro da Igreja com um iniciado e deste com a Igreja<sup>60</sup>.

A Iniciação à Vida Cristã, não quer outra coisa senão levar nossas comunidades a serem apaixonadas por Jesus e empenhadas na construção do Reino de Deus, que se una na partilha da vida, de suas alegrias, dificuldades e esperanças, formando a Igreja.

O Concílio Vaticano II, tratando sobre a Igreja, não oferece uma definição fechada, mas uma pluralidade de imagens complementares<sup>61</sup>: Corpo de Cristo e Povo de Deus, redil, campo de Deus, edifício, Jerusalém do alto e esposa imaculada. Os padres conciliares chamaram então de o “mistério” da Igreja, pois não é reduzível em palavras/conceitos, dada sua dimensão, que supera a institucionalidade e abarca também uma realidade espiritual.

Entre as imagens da Igreja, no concílio, destacou a de Povo de Deus. Novamente remetem a dimensão comunitária das etapas da história da Salvação: Deus se revela a um povo; envia seu Filho, que forma discípulos; e o Espírito Santo, que continua a reunir, santificar a Igreja. O próprio Deus, revelado, é comunhão pessoal, trinitária e as possibilita conhecer sempre de modo próximo e pessoal, de modo progressivo, pedagógico. Disto se desdobra o caráter comunitário da salvação. Ele constituiu um povo, Israel, e no sangue de Cristo, um novo povo, a Igreja.

<sup>60</sup> REINERT, João Fernandes. **Paróquia e Iniciação à Vida Cristã**. São Paulo: Paulus, 2015, p. 64 -65.

<sup>61</sup> cf. **CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM**. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Paulus: São Paulo, 1997, n. 6.

A constituição pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, tratando sobre a Igreja no mundo atual e realizando uma análise dos sinais dos tempos e suas implicações na ação da Igreja, asseverou uma compreensão do homem como mistério que tem sua plenitude revelada em Jesus Cristo:

Tal é, e tão grande, o mistério do homem, que a revelação cristã manifesta aos que crêem. E assim, por Cristo e em Cristo, esclarece-se o enigma da dor e da morte, o qual, fora do Seu Evangelho, nos esmaga. Cristo ressuscitou, destruindo a morte com a própria morte, e deu-nos a vida, para que, tornados filhos no Filho, exclamemos no Espírito: Abba, Pai<sup>62</sup>.

A nossa associação a Cristo sendo necessária, exige uma ação da Igreja, no que tange oferecer eficazmente os meios de salvação do homem, compreendido na redenção de Cristo, que se coloca na relação com a Trindade: feito filho em Jesus, vivificado no Espírito e no amor-comunhão com Pai. E assim também conhece seu destino que consiste alcançar a plenitude da graça no Mistério Pascal de Jesus.

Sob essa análise, sobre o concílio, lembra o Papa Francisco, que enquanto está no mundo a Igreja é peregrina, dinâmica e se impulsiona em direção ao Reino do Céu:

Ao apresentar a Igreja aos homens do nosso tempo, o Concílio Vaticano II estava perfeitamente consciente de uma verdade fundamental, que nunca podemos esquecer: a Igreja não é uma realidade estática, parada, com finalidade em si mesma, mas está continuamente a caminho na história, rumo à meta derradeira e maravilhosa, que é o Reino dos Céus, do qual a Igreja na terra é o germe e o início<sup>63</sup>.

Nessa vertente, precisamos nos colocar a caminho, deixar se encontrar pelo Senhor, converter nossos corações, fazer discipulado e nos tornar missionários do Reino. A exemplo do Senhor, sua Igreja, deve estar aberta e acolhedora, com profunda consciência de sua finalidade de levar a meta derradeira, o Reino dos Céus.

Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o Santo Padre, nos convoca a um estado permanente de missão, e aponta que esta é a vocação peregrina da Igreja, presente desde sua fundação, e um elemento essencial de sua identidade:

A conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo: “Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. (...) A Igreja peregrina é chamada por Cristo a

---

<sup>62</sup> **CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES**. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Paulus: São Paulo, 1997, n. 22.

<sup>63</sup>FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral**, 26 de novembro de 2014. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2014/documents/papa-francesco\\_20141126\\_udienza-generale.pdf](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2014/documents/papa-francesco_20141126_udienza-generale.pdf), Acesso: 15 mai. 2020.

esta reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma”<sup>64</sup>.

A Igreja nessa dimensão é circunstancial e dinâmica, ou seja, deve procurar a cada momento os meios adequados para cumprir sua missão, responder com autenticidade a sua vocação divina de ser no mundo como que sacramento de salvação.

A nossa compreensão de casa da Iniciação à Vida Cristã, descende diretamente da implicação entre o estado permanente de missão e uma efetiva Iniciação à Vida Cristã e a Animação Bíblica da Pastoral. É bom ter diante de nós que ao dizer casa, não referimos ao lugar geográfico, mas o lugar existencial da convivência, da fraternidade, da partilha da vida e experiência da fé. Assim também denomina nossos bispos, nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil (2015-2019), “Igreja: casa da Iniciação à Vida Cristã”<sup>65</sup>. Na Iniciação à Vida Cristã estamos na intersecção do pessoal e do comunitário:

A Iniciação à Vida Cristã somente chega seu escopo através de dois passos fundamentais inseparáveis entre si: o pessoal e o comunitário. Dimensão pessoal requer a livre adesão a iniciativa divina, enquanto a dimensão comunitária recorda que a resposta ao chamado divino não se realiza fora de uma comunidade eclesial. O objetivo da Iniciação à Vida Cristã é o mergulho sacramental-ontológico existencial no mistério Pascal. Longe de ser uma ação individual, a um mergulho atinge a dimensão pessoal e coletiva do cristão<sup>66</sup>.

Por isso, é importante a casa como lugar em que se reúne para celebrar a Páscoa do Senhor, que é ápice e fonte de vida, para os seguidores do caminho. O lugar da vida sacramental, que eleva a uma vida na graça. A comunidade eclesial é meta, e lugar da iniciação, vejamos:

A estreita relação entre o itinerário catecumenal e a comunidade eclesial se manifesta em dois momentos que se complementam e se alimentam mutuamente: primeiro, a Iniciação encontra na comunidade eclesial o seu ambiente próprio; ela é a atmosfera na qual o discípulo missionário de Jesus nasce e se fortalece. Em segundo lugar, a comunidade é também a meta a ser atingida pela Iniciação: o itinerário catecumenal educa para a vida de fé na comunidade, alimenta-a e renova. A comunidade é ajudada pelo itinerário catecumenal para crescer na fé e, ao mesmo tempo, exerce a “função maternal” de gerar novos filhos<sup>67</sup>.

Assim a Iniciação à Vida Cristã como um processo metodológico, visando o mergulho no mistério de Jesus, deve “educar na fé através dos sinais da liturgia, sobretudo o significado dos sacramentos que são os grandes mistérios da fé, que contêm e realizam em nós a

---

<sup>64</sup> EG 26.

<sup>65</sup> CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora** 2015-2019. Brasília: Edições CNBB, n. 35.

<sup>66</sup> REINERT, 2015, p. 65.

<sup>67</sup> CNBB, 2017, n. 111.

salvação”<sup>68</sup>. Os novos filhos da Igreja se unem pelo e a partir dos sacramentos, com vínculos indissolúveis, e na comunidade, é que se experimenta a cada dia, de modo concreto, por antecipação a alegria de fazer parte do povo eleito.

Trata-se de uma experiência de fé que conduz ao caminho do Mestre, ao encontro de Jesus Cristo, consiste na autêntica missão da Iniciação à Vida Cristã. Entretanto, precisamos recuperar alguns elementos que sejam sinais de pertença no seu anúncio. A experiência catecumenal acontecerá de modo pleno se envolver a comunidade, e está se sentir responsável por seus novos membros, se em cada rito manifestar de fato a alegria de quem acolhe, que passa a fazer parte de sua família.

### 3.3 A liturgia na Iniciação à Vida Cristã

O dinamismo ritual que a Igreja nos ensina é uma fonte inesgotável para a nossa experiência de fé. Antropologicamente, a comunicação simbólica-ritual é mais antiga que o desenvolvimento da língua escrita. A linguagem da arte, da dança desde a Grécia Antiga são recomendados no processo de formação humana. Os sinais e símbolos, desde o início da Igreja, foram utilizados para expressar a mensagem de Cristo a comunidade de fé. O dinamismo salvífico de divino, não pode ser tomado, como uma graça particular, mas universal, a História da Salvação explicita essa compreensão, como podemos exemplificar com a vocação de Abraão em vista da formação de um povo, a libertação operada por meio de Moisés, para os hebreus, e o próprio Mistério de Cristo.

Além do que já apresentamos, com relação os ritos, que podemos aprofundar nos ensinamentos dos Padres da Igreja, podemos recordar que os espaços de celebração também são marcados por uma dimensão simbólica. As catacumbas de Roma são, por exemplo, um belo expoente de tal realidade; nelas podemos verificar uma infinidade de representações de Cristo, de Maria, de figuras como peixe, o pão, cenas dos acontecimentos salvífico.

Na Idade Média, por ainda não haver o letramento da maior parcela da população, o ensino da fé era propiciado pela fecundidade da arte-sacra, que se desenvolveu dentro dos templos, com um espetáculo de cores, representando a vida de Jesus, de Maria, dos apóstolos, e dos santos. Contudo essa riqueza fora se perdendo ao logo da história. Na modernidade, os símbolos têm perdido a sua força, uma vez que não somos iniciados para olhar para além dos objetos, e a mais ainda, confundidos com outros de ordem eminentemente econômica como o

---

<sup>68</sup> LIMA, 2016, p .261.

papai Noel, coelho e ovos de chocolate, datas comemorativas (dia das mães, dos pais, do trabalho etc.).

Esse fenômeno de afastamento do significado dos sinais, ocorrem de maneira similar na experiência dos sacramentos na Igreja. Assim, o trabalho da Iniciação à Vida Cristã, deve colaborar para uma educação, tanto para compreensão dos sinais, quanto dos gestos e palavras dos sacramentos, com tudo que eles manifestam. O ponto central da fé acontece na liturgia, onde celebramos o mistério de Cristo, ao circundar a mesa da Eucaristia e da Palavra. Tendo-a como fonte e ápice da vida cristã, uma catequese que não leva a uma participação nela, seria incompleta. Uma imperiosa necessidade, se apresenta, de transformar o processo de educação na fé, para levar de fato, o seu interlocutor a experiência de Jesus e seus desdobramentos.

Ademais é preciso iniciar nossos interlocutores no processo catequético, na ritualidade, no decorrer do processo de maneira cotidiana e natural, como algo próprio da vida eclesial. Desde a postura orante como se conduz a catequese, o espaço utilizado para o encontro, ter elementos que remetem a fé, uma cruz, vela, água benta, uso das cores de cada tempo.

O Concílio Vaticano II, com a Constituição Litúrgica *Sacrossanctum Concilium* 64, decretou a restauração do RICA<sup>69</sup>, oportunizando uma metodologia que favorece na educação da fé, levar a um dinamismo novo de tempo. Isto é concretizado à medida que os itinerários catequéticos se voltam para Cristo, e respeita o tempo da Igreja<sup>70</sup>.

Ao partir dos tempos litúrgicos, há um rompimento com o consagrado modelo escolar. É uma gradual experiência eclesial, no que diz respeito ao seu ritmo e seus símbolos. Para o caminho de inspiração catecumenal, tem a liturgia uma função essencial. Nela o catecúmeno deve descobrir a beleza da fé celebrada. A vida litúrgica possui sua pedagogia interna, como expressa os padres conciliares, afirmando: “A Sagrada Liturgia é grande fonte de instrução para o povo fiel. Na Liturgia Deus fala ao seu povo, e Cristo continua a anunciar o Evangelho. Por seu lado, o povo responde a Deus com o canto e a oração.”<sup>71</sup>

Compreendendo a liturgia na sua relação com o mistério de Jesus Cristo, na economia da Salvação, leva a identidade de filho, inserido na eternidade, e é justamente a

---

<sup>69</sup> **CONSTITUIÇÃO PASTORAL SACROSSANCTUM CONCILIIUM.** Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Paulus: São Paulo, 1997, n 64.

<sup>70</sup> A compreensão de tempo na Igreja, como tempo da graça divina é expressa no Calendário Litúrgico. O Ano Litúrgico possui uma dimensão pedagógica e mistagógica. Nele a Igreja forma seus fiéis primeiro transformando-os em discípulos de Cristo (pedagógico) e na mesma medida em que o tempo, introduze-os de modo consciente na participação ativa do Mistério da Vida de Jesus celebrado na liturgia (mistagogia) dando sentido ao tempo.

<sup>71</sup> SC 33.

liturgia que abre para a vida que não morre. Nela, testemunhamos a atualização da salvação e igualmente antecipamos a nossa participação na eternidade, pela comunhão.

Essa participação na vida comunitária deve ser exercitada. Nela tanto possui a oportunidade de criar laços de fraternidade, como compreender os tempos litúrgicos pela experiência concreta. Inclusive a introdução do RICA, prevê este aspecto, ao mesmo tempo que ressalta a gradualidade necessária para a iniciação, discorrendo que:

A iniciação dos catecúmenos processa-se gradativamente no seio da comunidade dos fiéis, que refletindo com os catecúmenos, sobre a excelência do mistério pascal e renovando sua própria conversão, os induzem pelo a obedecer com maior generosidade aos apelos do Espírito Santo.<sup>72</sup>

O Diretório Nacional de Catequese, na mesma perspectiva, explicita que devemos, na catequese de inspiração catecumenal, oportunizar um: “processo progressivo de crescimento na fé, de acolhimento e preparação no mistério da fé, da vida nova revelada em Cristo e celebrada na liturgia”<sup>73</sup>. E para isso, ressalta, que além afastar do ambiente de sala, com disposição escolar, precisa entrar na dinâmica das etapas, com as celebrações a serem realizadas ao final de cada tempo.

A CNBB, apresenta tal preocupação, dizendo:

O modelo apresentado pelo RICA possibilita a elaboração de itinerários diversos, de acordo como as necessidades de cada realidade... É importante, mesmo com as adaptações necessárias diante de cada realidade, conservar o que é essencial e específico nesse processo. Uma primeira característica essencial é seu caráter *crístocêntrico* e *gradual*. Sua organização em *quatro tempos* e em *três grandes celebrações* ou *etapas* das quais participam membros da comunidade...<sup>74</sup>.

Mesmo diante das adversidades, que podemos encontrar em nossa realidade particular, nossos bispos alertam para não perder a novidade recuperada na inspiração catecumenal. A celebração da fé, pelos sacramentos deve entrar no ritmo litúrgico-celebrativo, que é próprio da vida eclesial. Por isso, reforçam que é preciso respeitar os tempos e etapas na iniciação.

A compreensão pós-conciliar segue na direção não de reestabelecer o catecumenato, experimentado nos primeiros séculos da Igreja, mas de olhar uma frutuosa e radical experiência de Jesus, edificar um modelo que traga presente a riqueza dos sinais e símbolos da fé, para levar uma experiência de testemunha de Jesus. É um passo em direção a uma superação de uma

---

<sup>72</sup> RICA, n 4.

<sup>73</sup> CNBB. **Diretório Nacional de Catequese**. Brasília: Edições CNBB.2006, n 36.

<sup>74</sup> CNBB, 2009, n. 72.

catequese centrada no conhecimento meramente teológico-dogmático e saltar para o encontro pessoal. Logo, abraçar as propostas de conversão e compromisso cristão, de verdadeiramente conduzir sua vida pela fé.

O RICA é um instrumento precioso para a Igreja o seu reestabelecimento deve-se ao grande impulso da reforma litúrgica, que permeou o Concílio, tendo como horizonte o desafio de propor a fé a um mundo descristianizado. A sua organização parte diretamente para o catecumenato, mas ressalta que deve haver um tempo anterior<sup>75</sup>, denominado pré-catecumenato. Para compreender os tempos celebrativos, a CNBB, apresenta um esquema em quadro, para uma melhor compreensão, do que o RICA estabelece, para a divisão do tempo para a catequese. Vejamos:

<b>QUADRO GERAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ</b> <b>CATECUMENATO PRÉ-BATISMAL CONFORME O RICA.</b>					
<b>1° TEMPO</b> <b>Pré-</b> <b>Catecumenato</b> ou <b>Primeiro</b> <b>Anúncio</b> ( <i>querigma</i> )	<b>1.ª ETAPA - Rito de Admissão dos</b> <b>Candidatos ao Catecumenato (entrada) - Pároco</b>	<b>2° TEMPO</b> <b>Catecumenato</b> ( <i>tempo mais longo de todos</i> )	<b>2.ª ETAPA - Preparação para os</b> <b>Sacramentos (eleição) - Pároco</b>	<b>3° TEMPO</b> <b>Purificação e</b> <b>Iluminação</b> ( <i>quaresma</i> )	<b>3.ª ETAPA - Celebração dos sacramentos</b> <b>de Iniciação (Vigília Pascal) - Pároco</b>
Tempo de acolhimento na comunidade cristã:  - <b>PRIMEIRA EVANGELIZAÇÃO.</b>  - <i>Inscrição e colóquio com o catequista.</i>  - <b>RITOS → catequistas + equipes litúrgicas.</b>		Tempo suficientemente longo para: - <b>CATEQUESE, REFLEXÃO, APROFUNDAMENTO.</b> - <i>Vivência cristã, conversão.</i> - <i>Entrosamento com a Igreja.</i>  - <b>RITOS → catequistas + equipes litúrgicas.</b>		Preparação próxima para Sacramentos: - <b>Escrutínios,</b> - <i>Entrega do Símbolo e da Oração do Senhor</i> - <b>CATEQUESE.</b> - <i>Práticas quaresmais (CF, etc.).</i>  - <b>RITOS → catequistas + equipes litúrgicas.</b>	- <b>Aprofundamento e maior mergulho no mistério cristão, no mistério pascal, na vida nova.</b>  - <b>Vivência na comunidade cristã.</b>

TABELA 1 QUADRO GERAL DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ, CNBB, 2017<sup>76</sup>.

O passo inicial, é a primeira evangelização (*querigma*), também chamado pré-catecumenato, quando acontece os primeiros contatos, conversão, encontro pessoal com Jesus, aproximação da comunidade de fé. Nesse viés, é seguido pela primeira etapa, da admissão ao

<sup>75</sup> RICA, n 9.

<sup>76</sup> CNBB. **Iniciação à Vida Cristã:** Itinerário para formar discípulos missionários, Documento 107, Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 107b.

catecumenato onde podem ser realizadas celebrações da palavra; exorcismos menores; bênçãos dos simpatizantes, primeira unção, entrega do Símbolo, entrega da Oração do Senhor.

O segundo tempo, é marcado pela catequese propriamente dita. Nele deve-se caminhar para o aprofundamento, vivência, conversão, entrosamento com a comunidade, seguido da etapa de celebração do rito da Eleição.

O terceiro tempo, é de purificação e iluminação, que se caracteriza pela preparação próxima para os sacramentos, escrutínios, entregas, catequese, práticas quaresmais. Os eleitos são chamados a uma maior entrega de suas vidas, e podem ser chamados iluminados ou competente. Deve ser vivenciado no tempo quaresmal, implicando que os tempos anteriores devem ser planejados em vista de culminar neste.

A última etapa, é da celebração dos Sacramento da Iniciação Cristã, profundamente ligado com a grande celebração da Igreja, que é a Vigília Pascal. A alegria que tem início nesta festa deve se estender aos neófitos e a toda comunidade. A etapa de configuração sacramental deve ser o ponto alto do processo. Contudo, não pode se encerrar nesta, mas inaugura daí em diante o quarto tempo. O tempo da mistagogia, marcado pela raiz da fé no Ressuscitado, e na relação como Ele, levar a reflexão sobre sua inserção na comunidade a partir dos sacramentos.

Esse esboço, é apresentado pelo documento 107, enumerando:

Temos um processo que serve de inspiração, exposto no *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA)*, dividido em *quatro tempos* denominados: *pré-catecumenato* (evangelização ou primeiro anúncio), *catecumenato*, *iluminação e purificação* e *mistagogia*. (DNC, 45-50; *Estudo 97*, n. 73-101.) A passagem de um tempo para o outro é marcada por *três momentos celebrativos*, denominados *etapas*: 1. o rito de *admissão ao catecumenato*; 2. o rito da *eleição ou inscrição do nome* dos que irão celebrar os Sacramentos da Iniciação; e 3. a *celebração desses Sacramentos*. E há também os ritos das bênçãos, entregas, exorcismos, escrutínios (ritos de transição), que acontecem ao longo de todo o processo.<sup>77</sup>

O caminho da fé é exigente, e esta proposta, leva-nos a um caminho de conversão pastoral. Urge primar pela superação de uma catequese sacramentalista, e para tal é exigido envolvimento de toda comunidade, que devem receber e acompanhar os novos irmãos na fé. De início, percebemos que se trata de reordenar nossa prática, para que não seja uma sucessão de ritos desconexos e rígidos, como ele mesmo prevê, deve ser utilizado na preparação das celebrações, levando em consideração os interlocutores e as circunstâncias.

A instrução mistagógica, que deve ocorrer no período pós-pascal, deve predominantemente buscar o aprofundamento sobre os elementos que foram celebrados nos sacramentos de iniciação, reforçando a pertença ao Senhor e à sua Igreja. Desse modo,

---

<sup>77</sup>CNBB, 2017, n. 107.



precisamos olhar a Iniciação à Vida Cristã de forma plena, onde se oportuniza um despertar mistagógico. Na exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, Bento XVI, expõe:

A grande tradição litúrgica da Igreja ensina-nos que é necessário, para uma frutuosa participação, esforçar-se por corresponder pessoalmente ao mistério que é celebrado, através do oferecimento a Deus da própria vida em união com o sacrifício de Cristo pela salvação do mundo inteiro.

(...)profunda concordância das disposições interiores com os gestos e palavras; se ela faltasse, as nossas celebrações, por muito animadas que fossem, arriscar-se-iam a cair no ritualismo. Assim, é preciso promover uma educação da fé eucarística que predisponha os fiéis a viverem pessoalmente o que se celebra. Vista a importância essencial desta participação pessoal e consciente.

(...)com efeito, por sua natureza a liturgia possui uma eficácia pedagógica própria para introduzir os fiéis no conhecimento do mistério celebrado.<sup>78</sup>

Pelo exposto podemos afirmar a intrínseca relação entre a educação da fé e liturgia numa mútua colaboração, para descobrir os valores da fé, no qual nossa sociedade contemporânea anseia. Na ocasião o sumo pontífice recorda o catecumenato primitivo em seu caráter experiencial, não negligenciando a sistemática dos conteúdos de fé.

O papa emérito, nos oferece três elementos a serem vistos neste processo, que servem como chave interpretativa: a) Trata-se, primeiramente, da interpretação dos ritos à luz dos acontecimentos salvíficos, b) a riqueza de perceber os sinais e os símbolos. c) Enfim, a catequese mistagógica deve preocupar-se por mostrar o significado dos ritos para a vida cristã em todas as suas dimensões: trabalho e compromisso, pensamentos e afetos, atividade e repouso.<sup>79</sup>

Assim a eficácia pedagógica da liturgia, que corrobora com assimilação do mistério celebrado, opera tão somente, se de fato levar a pessoa além estar presente, nela mergulha em celebrações que expressão por sua integridade da beleza da fé.

---

<sup>78</sup> Bento XVI, Papa, **Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis***, São Paulo: Paulinas, 2017, n. 64.

<sup>79</sup> SCA, n. 64.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Iniciação à Vida Cristão, não dever ser somente, uma preocupação com a continuidade da vida da Igreja, mas sobretudo o caminho ordinário, fecundo e a fonte da maior alegria que podemos ter, ver ser gerado e nascer novos filho de Deus, no seguimento a Jesus. É evidente a necessidade de propormos itinerários de Iniciação à Vida Cristã, rompendo com metodologias “escolares”, que tem sido abandonada até mesmo pela educação formal. Somos impelidos a um tempo de graça, de renovação, que tem origem no Concílio Vaticano II, no exercício de voltar às origens cristã e beber da inspiração catecumenal.

As constatações do contexto de transformações que caracterizam a mudança de época, a crise das instituições, de valores, da cultura, tende a nos assustar, gerando a tentação de deixar Jerusalém em busca de refúgio (Lc 24,13-35). Ao contrário disso, somos impelidos a redescobrir a beleza do Evangelho e na alegria do discipulado para enfrentar as dificuldades que são próprias de nossa época, como tantos homens e mulheres, nas mais diferentes fases da história cristã.

Infere-se que, a Palavra de Deus é viva, e nos chama a consequências comprometedoras, impele a nos fazer, ao exemplo de Jesus, próximo das pessoas, caminhar, e trazer presente as Escrituras, Como Igreja conduzida pelo Espírito, somos convocados ao seguimento do Senhor, e recebemos a missão de proclamar o tempo da graça “*em cima dos telhados*” (Mt 10,27b), a salvação.

A proposta bíblico-teológica da obra lucana, evidencia a necessidade de zelar pela catequese dos cristãos, levando-os à verdade da fé, como uma preocupação presente desde as primeiras gerações de seguidores. Caminhar é antropológico, e ganhou um valor ainda maior para quem faz a experiência do Ressuscitado. Desse modo, aprendemos com a inspiração ao seguimento iniciático iluminado pela proposta do caminho de Jesus, na ótica lucana. Tornar a humanidade, amigos de Deus, ao ensinar que o Jesus continua presente na vida dos seus seguidores, na reunião da comunidade, no Palavra e no partir do pão.

Nesse interim, a ação Jesus instaura um paradigma perene, que é fonte, inspiração e critério para nossa atuação no mundo: aproximar, escutar, explicar as Escrituras, partir o Pão. Por outro lado, cabe destacar, sua permanente presença com gestos e palavras, que nos salva e constitui como novo povo de Deus, em forma sacramental. Anunciar a mensagem, marcar e separar os filhos de Deus demanda um ardor, um entusiasmo como dos discípulos de Emaús, e de todos aqueles tendo se encontrado com Ele, fez caminho de discipulado, ao passo de

reconhecerem a salvação manifestada diante deles saem comunicar aos outros repletos de alegria.

A Iniciação à Vida Cristã é um caminho a percorrer, nele não há espaço para improvisado, é uma proposta exigente e desafiadora, que coloca em ato a dinâmica salvífica de Deus. Ela deve levar a pessoa e a comunidade, ao crescimento da consciência de sua responsabilidade e compromisso de configurar toda humanidade plenamente a Cristo, a fim de congregar a todos na unidade, fazendo que “Deus seja tudo em todos” (ICor 15,23). É necessário insistirmos que não é vão o nosso caminhar, necessitamos de conversão e adesão pessoal, mas também das estruturas pastorais, de nossa linguagem, crescendo através no testemunho de quanto é valioso o seguimento de Jesus e a vida comunitária.

Destarte, a proposta da Igreja de restaurar, a catequese catecumenal, como método, é um desafio que não podemos abandonar, é fruto de um discernimento de anos, que requer de nós coragem e determinação. Conhecer o RICA e o significado de cada uma de suas celebrações com tempos e etapas, é um primeiro passo nessa esteira, de compreender que a catequese não pode se abster da celebração, mas conduzir a ela. A iniciação cristã deve tocar a todas as dimensões do homem, aqui nasce uma mudança de mentalidade a ser conquistada, de que a fé precisa ser experimentada nos sentidos, no coração e na mente. Sendo assim, é preciso superar a ideia de uma catequese apenas oral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBRÓSIO DE MILÃO. **Os sacramentos e os mistérios**. Tradução Paulo Evaristo Arns. Petrópolis: Vozes, 1981.

BARBOZA, Maria Aparecida. **A iniciação como caminho, na perspectiva do relato do discípulo de Emaús**. In: PERUZZO, José Antonio. E seguiram Jesus...caminhos bíblicos de iniciação. Brasília: Edições CNBB, 2018.

BENTO XVI, Papa. **Encíclica *Spe Salvi***. São Paulo: Paulinas, 2007.

BENTO XVI, Papa. **Oração e santidade: Catequeses ao povo de Deus**. Tradução oficial da Santa Sé. v. 4. São Paulo: Molokai, 2018.

Bento XVI, Papa. **Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis***, São Paulo: Paulinas, 2017.

**BÍBLIA DE JERUSALÉM**. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2008.

BOROBIO, D., TENA, P. **Sacramentos da Iniciação Cristã: batismo e confirmação**. In: BOROBIO, Dionísio. A Celebração na Igreja. Sacramentos. Tradução Luiz Gaio. v. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2008.

BROWN, Raymond E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2012.

CARVALHO, Huberto Robson de. **Bíblia palavra que transforma a vida dos catequistas**. São Paulo: Paulus, 2016.

CAVALCANTE, Ronaldo. **Espiritualidade cristã na história: das origens até santo Agostinho**. São Paulo: Paulinas, 2007.

CELAM. **Manual de Catequética**. Tradução Maria Paula Rodrigues São Paulo: Paulus, 2007.

CIRILO DE JERUSALÉM. **Catequeses mistagógicas de São Cirilo de Jerusalém**. Tradução Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 1977.

CLEMENTE ROMANO. **Carta de São Clemente Romano**. Tradução Paulo Evaristo Arns. Petrópolis: Vozes, 1984.

CNBB. **Catequese, Caminho para o discipulado: 2009, Ano Catequético Nacional, Texto-Base**. Brasília: Edições CNBB, 2008.

CNBB. **Diretório Nacional de Catequese**. Brasília: Edições CNBB, 2006.

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2015-2019**. Brasília: Edições CNBB, 2015.

CNBB. **Discípulos missionários a partir do Evangelho de Lucas**. (Mês da Bíblia 2013) Brasília: Edições CNBB, 2013.

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã: Itinerário para formar discípulos missionários**, Documento 107, Brasília: Edições CNBB, 2017.

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã: um processo de inspiração catecumenal.** Brasília: CNBB, 2009. (Estudos da CNBB 97).

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese.** São Paulo: Paulinas, 1998.

**CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI VERBUM.** Documentos do Concílio. Ecumênico Vaticano II. Paulus: São Paulo, 1997.

**CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM.** Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Paulus: São Paulo, 1997.

**CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES.** Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Paulus: São Paulo, 1997.

**CONSTITUIÇÃO PASTORAL SACROSANCTUM CONCILIUM.** Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Paulus: São Paulo, 1997.

**DIDAQUÉ.** Catecismo dos primeiros cristãos. Tradução Urbano Zilles. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

**ETÉRIA. Peregrinação de Etéria:** Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV. Tradução Frei Alberto Beckhauser, 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

FRANCISCO, Papa. Audiência Geral, 26 de novembro de 2014. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco20141126\\_udienza-generale.pdf](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco20141126_udienza-generale.pdf) Acesso: 15 mai 2020.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica EVANGELLI GAUDIUM.** São Paulo: Paulinas, 2013.

HARRINGTON. Wilfrid J. **Chave para a Bíblia: A revelação, a promessa, a realização.** Tradução Josué Xavier, Alexandre Macintyre. São Paulo: Paulus, 2014.

HIPÓLITO DE ROMA. **Tradição Apostólica de Hipólito.** Tradução Paulo Maucy Gibin, 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. **Cartas de Santo Inácio de Antioquia.** Tradução Paulo Evaristo Arns. Petrópolis: Vozes, 1970.

JOÃO PAULO II, Papa. **Catecismo da Igreja Católica.** (CEC) Petrópolis: Vozes, 2005.

JOÃO PAULO II, Papa. **Encíclica Veritatis Splendor** 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1993.

JOÃO PAULO II, Papa. **Encíclica Redemptoris Missio.** São Paulo: Paulinas. 1980.

JOÃO PAULO II, Papa. **Homilia para os catequistas em Porto Alegre.** Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19800705\\_portoalegre-brazil.htm](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf_jp-ii_hom_19800705_portoalegre-brazil.htm) Acesso em: 10 ago 2020.

LELO, Antonio Francisco. *A Iniciação Cristã. Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho*. São Paulo: Paulinas, 2005.

LIMA, Luis Alves de. *A Catequese do Vaticano II aos nossos dias*. Col. Marco Conciliar. São Paulo: Paulus, 2016.

LIMA, Luis Alves de. *A INICIAÇÃO CRISTÃ ONTEM E HOJE: História e documentação atual sobre a Iniciação Cristã*. In: Comissão Episcopal Pastoral para Animação Bíblico-Catequética. 3ª Semana Brasileira de Catequese: Iniciação à Vida Cristã. Brasília: Edições CNBB, 2010.

NEVES, Joaquim Carreira das. *A “catequese” como chave hermenêutica dos evangelhos sinópticos*. Lisboa:Didaskalia, 1998.

PARO, Thiago Ap. Faccini. *As celebrações do RICA: conhecer para bem celebrar*. Petrópolis: Vozes, 2017.

PAGOLA, José Antonio. *O Caminho Aberto por Jesus: Lucas*. Tradução Gentil Avelino Títton. Petrópolis: Vozes, 2012.

PANAZZOLO, João. *Caminho de Iniciação à Vida Cristã: elementos fundamentais*. São Paulo: Paulus, 2011.

PESSOTO, Diogo Marangon. *A Iniciação Cristã na Tradição Apostólica de Hipólito de Roma. Coletânea*. v.19 jan./jun. Rio de Janeiro, 2020. p. 53-66.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a Catequese*. São Paulo: Paulus, 2020.

REINERT, João Fernandes. *Paróquia e Iniciação à Vida Cristã*. São Paulo: Paulus, 20

**RITUAL DE INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS**. Tradução portuguesa para o Bra edição típica. São Paulo: Paulus, 2001.

